

MARÉ VIVA

Director: ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 100 — Preço 5\$00 — 15/6/78

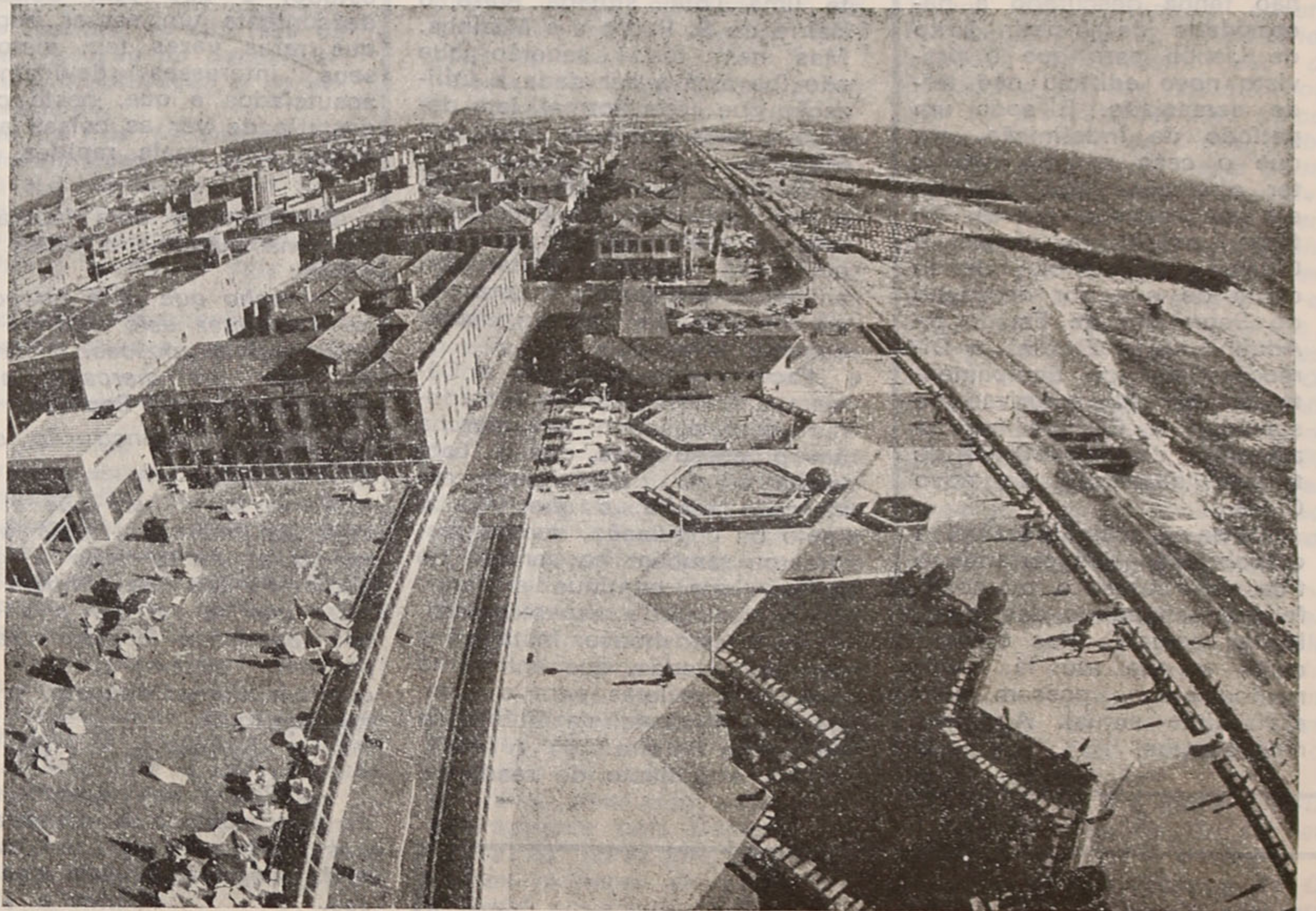
ESPINHO - CIDADE - CONCELHO

JORNAL 100, JORNAL DE ESPINHO

Este é um «Maré Viva» especial e logo por duas razões: marca o Dia da Cidade e coincide com a publicação do jornal número 100. Daí um jornal maior, 12 páginas da vida de Espinho, cidade e concelho, o esforço de quem quer um «Maré Viva» sempre melhor.

E nem o aumento de páginas nos permitiu incluir todo o material que tínhamos, nomeadamente uma entrevista com o Presidente da Assembleia Municipal, trabalhos sobre a Cerciespinho, a terceira idade, tempos livres, etc., que publicaremos no próximo número.

Neste esforço constante que fazemos o apoio dos leitores é indispensável. Dê-nos as suas sugestões e arranje assinantes para o «Maré Viva»



Artur Bártolo ao «Maré Viva»

«EMPREENHIMENTOS QUE ULTRAPASSAM O MILHÃO DE CONTOS»

Artur Bártolo é um nome, uma pessoa, bem conhecida. Se antes do 25 de Abril já a sua figura de antifascista era admirada em muitos círculos, desde então a actividade militante na administração pública fez dele ponto de referência na vida de Espinho.

Na qualidade de Presidente do Executivo da Câmara Municipal, a entrevista que nos concedeu:

1 — A primeira questão que gostaríamos de pôr prende-se com a actividade deste ano e meio: num balanço necessariamente breve, como é que o Sr. Presidente avalia a prática do executivo ao longo deste período?

A prática do executivo pode avaliar-se pelo relatório relativo ao ano de 1977, que mereceu a aprovação da Assembleia

Municipal, pelo plano de actividades para o ano em curso, que é já do conhecimento público e mereceu igualmente a aprovação daquele órgão autárquico e pelas obras realizadas. Esta prática só foi possível devido ao espírito de «equipe» que tem reinado entre todos os membros da Câmara, permitindo, assim, que o interesse público prevalecesse sobre o interesse partidário.

2 — O executivo tem exercido as funções que lhe competem em ligação com os outros órgãos do Poder Local. Como é que o Sr. Presidente caracteriza as relações existentes com esses órgãos, enquanto condição fundamental para um correcto exercício da Administração?

Até ao momento só me posso pronunciar sobre as relações com a Assembleia Municipal, visto o Conselho Municipal ainda não ter entrado em funções. Com a Assembleia Municipal as relações tem sido extremamente úteis, não só por permitirem uma prática democrática de que estávamos desabitoados, como por corresponderem a uma divisão de poderes que constitui a base da própria democracia.

continua na página 3

Ser Cidade não é só uma questão de nome.

O Código Administrativo (não sei se ainda é o mesmo em vigor) estipulava certos requisitos para que uma vila fosse promovida a cidade:

1.º — que a vila tenha uma população superior a 20.000 habitantes;

2.º — que tenha um notável incremento industrial e comercial;

3.º — que seja servida por grandes vias de comunicação;

4.º — e que seja dotada de instalações urbanas de água, luz e esgotos.

Ser cidade é, pois, uma exigência.

Para além dos cafés e dos hotéis, dos casinos e dos golfs, dos letreiros luminosos e da propaganda turística, ser cidade é fornecer os meios para uma certa qualidade de vida, extensiva a toda a população.

Não foram os órgãos administrativos de Espinho que, em 1973, subiram a cidade. Não foi a Câmara, não foram os «grandes senhores».

Foi o povo de Espinho, todo ele, que mereceu essa honra e essa responsabilidade.

Muito na altura se falou do

povo espinhense, do seu bairrismo, da sua capacidade de trabalho, do seu sentido de progresso. Foi ele que fez de uma aldeia de pescadores uma vila, e de vila uma cidade.

Assim, a cidade somos todos nós.

E a cidade deve ser também para nós. Todos lucrarmos, dizem, em fazer de Espinho uma colónia de alto turismo. É possível. Mas lucraremos ainda mais, sem perdermos em atracção turística, se virmos a cidade transformada num local onde seja bom viver doze meses por ano, onde possamos desenvolver-nos de maneira sã e criativa, onde tenhamos uma casa, um bom hospital, boas escolas, bons infantários, boas ruas, bons parques, bons mercados, bom sossego, boa praia, bons locais de cultura. É isso sem dúvida, a cidade que queremos.

Está longe, bem o sabemos, «Roma e Pavia não se fizeram num dia». Mas às vezes, num dia, constrói-se um belo hotel de cinco estrelas que faz um figurão nos postais ilustrados de Espinho-cidade. E todos abrem a boca perante o progresso da nossa terra. Mas não têm curiosidade de ver o que fica por detrás de hotel de 5 estrelas...



COMPLEXO HABITACIONAL DA PONTE D'ANTA:

são, a curto prazo, cerca de 500 habitações a construir, é uma nova zona da cidade em expansão, são as vantagens e problemas que isso traz.

REPORTAGEM NAS CENTRAIS



"TRI" - CICLO MAIS PERTO DO FIM

É de amplo conhecimento público a triste situação em que funciona o Ciclo Preparatório em Espinho, instalado em três edifícios que parecem disputar arduamente entre si o «privilegio» de cada um poder ser considerado pior do que os outros. Ainda há bem pouco tempo este jornal publicou desenvolvida reportagem sobre o assunto, alertando mais uma vez para uma situação que se vem tornando claramente insustentável.

Dá que o Poder Local não tenha descurado a necessidade de insistir junto de Lisboa para que o previsto novo edifício não tarde demasiado. E após um período de indefinição, em que o caso parecia não ir ter alterações significativas, eis que «algo se move». De facto, acaba de chegar à Câmara um ofício dando conta de que por despacho do Secretário de Estado da Administração Escolar, a Direcção-Geral de Equipamento Escolar foi autorizada a subsidiar a Câmara para a aquisição dos 26.000 m² de terreno destinado ao novo Ciclo.

Torna-se assim possível a expropriação dos terrenos e fica mais perto o momento feliz do abandono das instalações actuais. Mas o mais certo é que até lá ainda muitos alunos passem pelo «Tri»-Ciclo actual. Aguardemos atentos.

Mare Viva

SEMANÁRIO

Propriedade :
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

Alvaro Mendes, António Letra, Ana Maria, António Santos, Augusto Mota, Dário Capela, Domingos Ferreira, Eduardo Gonzaga, Eduardo Oliveira, Eugénio Moraes, Fausto Neves, Fernando Valadas, Gabriel Jesus, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Lopo, José Cruz, Moraes Gaio, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

LOTA VAI SER MERCADO

É mais ou menos conhecido por todos que em Espinho existe uma Lota, situada entre o Bairro de S. Pedro e a Marinha. Mas nem todos sabem que não lhe está a ser dada a utilização que seria normal, isto devido à decadência da pesca em Espinho.

Portanto, o edifício tem sido pouco utilizado, se exceptuarmos a realização de sessões políticas, culturais e também bailes, o que tornou a Lota numa espécie de centro popular daquela zona.

Face a esta situação, a Câmara e a Comissão de Moradores local puseram em marcha um processo para que a Lota venha a ser transformada em mercado diário, o que teve o apoio da população, que se manifestou também no sentido de que a Lota continue a servir como «casa de espectáculos», enquanto não houver instalações mais adequadas, que entretanto estão já previstas para o complexo habitacional da Quinta do Constante Pereira.

Mas o projecto de readapta-

ção da Lota não ultrapassou ainda, pelos vistos, a fase de estudo, o que vem deixando descontente um sector popular que raras vezes tem visto os seus interesses devidamente acautelados e que, neste caso, gostaria de ver as coisas avançarem com mais rapidez.

Em contacto com habitantes da zona ouvimos algumas opiniões :

— Acho que já é tempo de se aproveitar este edifício que está aqui às moscas. E haviam de fazer um mercado, assim como o outro de Espinho.

(operário da construção civil) 60 anos

— Eu acho bem que a Lota seja um mercado, pois assim vai fazer muito jeito à gente daqui. Parece que também está visto que se vai dar prioridade aos pequenos comerciantes e pessoas desempregadas que queiram montar negócio, e acho isso certo.

(cordoeiro) — 44 anos

— Penso que é bom, isso do mercado. É a maneira de nós deixarmos de ter que ir mais longe à procura das coisas.

(doméstica) — 36 anos



S. PEDRO

Dia 15, Quinta-feira

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO
M/ 18 anos

Três realizadores assinam por si igual número de «sketchs» que compõem este filme. Entre eles, destaca-se particularmente o de autoria de Luigi Comencini e que tem Alberto Sordi como protagonista, sem desprezar as sempre divertidas participações de Nino Manfredi e de Stefania Sandrelli.

Dia 16, Sexta-feira

DOIDO POR SAIAS

M/ 18 anos

O programa afirma: «comédia de estalo que faz rir até às lágrimas!». Apesar da presença simpática de Andrea Ferreol, duvidamos que seja assim. E você?

Dia 17, Sábado

O MAIOR ESPÍO DA HISTÓRIA
M/ 14 anos

Em tempos de austeridade justifica-se perfeitamente o recurso às reposições daquilo que está na prateleira. No entanto julgamos que outras películas de igual interesse comercial mas de superior qualidade deviam ser as escolhidas para a alternativa de programação.

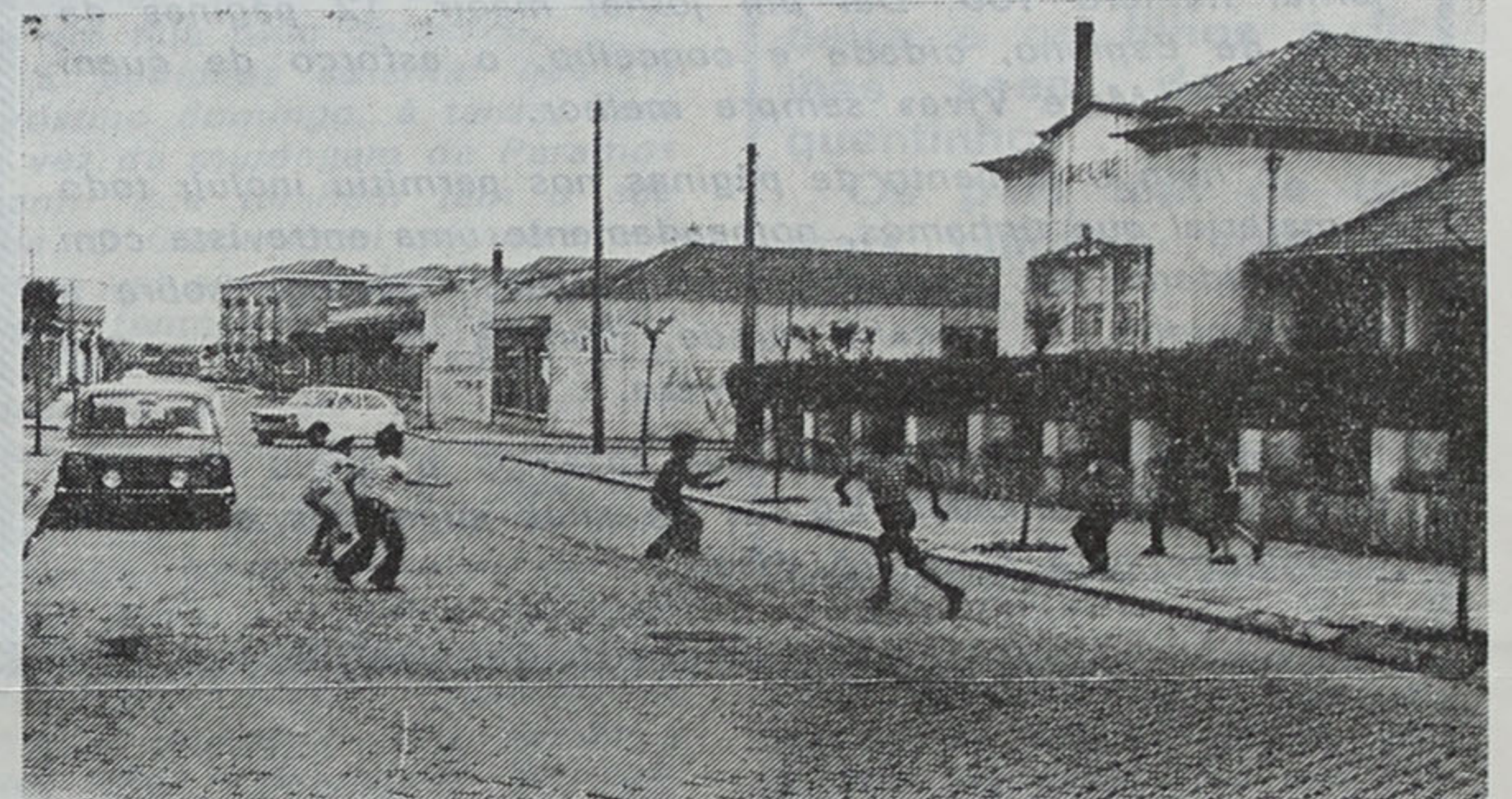
POSTO MÉDICO FALTA DE INSTALAÇÕES, O GRANDE PROBLEMA

Nada de novo! Problemas, um deles que não é pequeno, generalizado a muitos outros casos nesta localidade e neste país. A falta de instalações que diminui, dificulta, embrulha, a normal actividade dum posto médico, que é o de maior movimento no Distrito de Aveiro. Os locais reservados para o sector administrativo, para os consultórios médicos, para as salas de espera, já são pequenos, estando o movimento a aumentar de dia para dia. Isto, porque esta organização, adstrita aos Serviços Médico-Sociais de Aveiro, além do que era da sua normal competência, está a servir o I.A.R.N., as empregadas domésticas, os comerciantes e os pescadores, estes no que se refere a especialidades. O pessoal, para o serviço existente, é pouco, mas já não cabe.

Quanto aos médicos parece não haver problemas, nem em clínica geral, nem nas especialidades, apenas faltando um para neurologia.

Quanto àquelas histórias de marcação com dois ou mais meses de antecedência, morrendo o doente ante de ser atendido, está, tudo relativamente, normalizado. Apenas existem mais demoras quando o doente tem preferência num determinado médico ou nas especialidades.

E assim se vai sobrevivendo, bichas enormes, espaços acanhados, falta de intercomunicadores entre as diversas secções, paciência a esgotar-se de parte a parte, esperando que um projecto que já devia estar de pé, nasça um dia destes, por ordem e graça dum destino caprichoso.



Um chute forte, a bola rola nos paralelos da rua, as pernas franzinas correm, as gargalhadas voam, os pensamentos são livres, despreocupados. Qualquer coisa, uns pedregulhos, as pastas da escola, as árvores, são traves, são limites da baliza que o miúdo de olhar fixo, pernas rígidas, punhos cerrados, defende heroicamente como garboso senhor feudal defende castelo dos ataques inimigos. O pior é que o outro é um ás, comparável a Chalanas, Tonis ou Oliveiras, inchado no seu sonho de futebolista glorioso, passeando, invencível, esplendorosos relvados, rodeado estridentes aplausos. O aprendiz de guarda-redes imagina-se voando, acrobaticamente, defendendo tudo, como Bento, como Botelho, como Fonseca. O outro empurra a bola, esboça um sorriso, chuta, crê ter um pontapé forte, tiro de canhão, à boa moda de Eusébios e companhia.

A bola continua a rolar, as gargalhadas a misturarem-se com as folhas que o vento desprende das árvores, com as poeiras, com o cheiro a gasolina queimada. Ali naquela rua, entre passeios, paralelos feitos relvado, pedregulhos feitos traves de baliza, casas transformadas em assistência vibrante e empolgada, pés nus ou sapatos rotos transformados em chuteiras possantes. Sem árbitro rigoroso e sério, porque isso de regras é aborrecido, monótono, o que interessa é empurrar a bola de plástico ou de trapos, saltar, berrar bem alto.

Ali, no meio da rua, sem protecção, sem calma, sem sossego, sujeitos a qualquer imprevisto. Ali, no meio da rua, dando asas à liberdade e à imaginação, porque nesta cidade, como em muitas outras, não existem recintos próprios que impeçam a brincadeira de se tornar insegurança.

Dia 18, Domingo

CASSANDRA CROSSING

M/ 18 anos

Um vastíssimo «cast» de grandes vedetas são medidas num comboio para nos ser apresentado mais um filme-catástrofe. Mais de mil passageiros são vítimas de um vírus fatal, e não só. Uma desgraça completa da qual ninguém escapa. Poupe-se ao sofrimento.

Dia 20, Terça-feira

TEMPO DE ASSASSINOS

M/ 18 anos

Filme de violência que através de cenas de violência tem a pretensão aparente de fazer denúncia da própria violência. Irra, que isto é violência a mais.

Transportes urbanos a partir de 15 de Julho

Foi o que nos disseram na «Praia do Sol». Os autocarros estarão vistoriados todos lá para o fim do mês e só falta a Câmara Municipal assinar o contrato de exploração. Quanto aos atrasos (os últimos) deveram-se ao facto de os autocarros terem sido sujeitos a remodelação por ordem da vistoria e ainda por problemas internos na empresa concessionária. A carreira n.º 1, que serve a cidade, iniciar-se-á assim no dia 15 do próximo mês. E a gente cá fica à espera, não já sem se interrogar: será desta?

RODRIAUTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Lavagens, parafinações, mudanças de óleo e lubrificações

Oficinas de mecânica geral, chapeiro, pintura, etc.

Reparação e afinação de Tractores Agrícolas

ESTOFADOR

RODRIGUES, GOIS & C.º, Lda.

Rua 31 n.º 914

Telef. 923006

ESPINHO

UTILIDADES DOMÉSTICAS

FERRAGENS

AGLOMERADOS DE MADEIRA

FERRAMENTAS

BANCAS EM AÇO INOX

LAMINADOS (fórmica)

Central de Ferragens de Espinho, L.º da

AGENTES DA BLACK & DECKER

Rua 12 n.º 618

ESPINHO

CLÍNICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

LEIA E CRITIQUE

Maré Viva

Entrevista com o Presidente da Câmara

continuação da página 4

3 — O lançamento de formas de exercício do Poder Local bem diferentes daquelas que vigoraram no País durante décadas cria, necessariamente, situações de resolução nem sempre fáceis. Quais as principais dificuldades e, também, principais vantagens com que tem deparado o executivo na sua actividade?

Se é verdade que o lançamento de novas formas de exercício do Poder Local vieram retirar ao executivo a possibilidade de decidir por si só, não é menos verdade que estas novas formas permitem uma fiscalização constante do executivo, impedindo que este seja tentado a tomar decisões arbitrárias. Eu sei que algumas pessoas lamentam o tempo gasto na discussão exaustiva dos problemas e que chegam mesmo a discordar da maneira como estes são apreciados pelos membros do Poder Local, mas a democracia é isso mesmo: o confronto de ideias, a liberdade de discordar.

4 — Em certa medida, poderá talvez dizer-se que o concelho de Espinho tem em perspectiva obras de melhoramentos das suas estruturas que, a concretizarem-se a breve prazo, alterariam substancialmente a qualidade de vida da população. Nessa ordem de ideias gostaríamos de saber qual a fase em que se encontram obras como:

a) Variante à Estrada Nacional 109, pois que desde a A. Municipal em que foi discutida a implantação dos nós não mais se falou do assunto.

b) Estação de Tratamento de Esgotos.

c) Prolongamento da rua 19 até ao Picoto.

d) Criação do Centro Cívico da Marinha

e) Criação dos Serviços Municipais de Habitação.

a) A construção da Variante à E. N. 109, entre Miramar e Maceda, figura no Plano da Junta Autónoma de Estradas para 1978. Contudo, e segundo informação da J. A. E., está prevista a deslocação a Espinho do seu Presidente, para acertar os últimos pormenores.

b) A estação de Tratamento de Esgotos, na sua fase de anteprojecto, está em apreciação na Direcção do Saneamento Básico, prevendo-se para breve a sua aprovação e consequente abertura do concurso de execução.

c) O projecto do prolongamento da Rua 19 encontra-se já aprovado e dentro em breve devem começar as expropriações dos terrenos necessários à sua construção.

d) A Câmara está a diligenciar a construção do Centro Cívico da Marinha integrando-o no complexo habitacional a implantar ali juntamente com o edifício escolar e dois parques infantis.

e) A criação dos Serviços Municipais de Habitação aguarda a aprovação superior do respectivo quadro de pessoal.



tolidade do concelho. Ou será que a praia é de uso exclusivo dos cidadãos?

Do ponto de vista legal, compete à Câmara executar o plano de actividades aprovado pela Assembleia Municipal, mediante verbas consignadas no orçamento que a mesma entidade aprovar.

Desta Assembleia fazem, parte, por direito próprio, os presidentes das juntas de freguesia e, por eleição, aqueles que a população livremente escolheu.

O artigo 753.º, ainda em vigor, do Código Administrativo, diz: «As Câmaras Municipais dotarão obrigatoriamente as obras e melhoramentos das freguesias de modo que todos os anos lhes sejam destinados, e gastos nelas conforme as necessidades mais urgentes, 25 por cento do produto líquido dos adicionais às contribuições do Estado arrecadados pela Câmara nos concelhos rurais e 20 por cento nos urbanos, com preferência das freguesias ou povoações que não constituam a sede do concelho».

Se quiser analisar o orçamento municipal, rapidamente verificará que as freguesias foram dotadas com verbas superiores ao que a Lei determina. Por outro lado, têm sido executadas directamente pela Câmara, nas freguesias, obras que orçam em muitos milhares de contos — e estão projectadas outras que

a) HABITAÇÃO — Diariamente assisto no meu gabinete a cenas verdadeiramente dramáticas vividas por quem necessita dum tecto onde se albergar. São os que vivem em condições infra-humanas, são os jovens que pretendem constituir família, são os funcionários públicos transferidos, são os polícias e guardas republicanos, são os professores, etc. Calcula-se em mais de 3.000 habitações as carências neste domínio. A Câmara tem desenvolvido os maiores esforços para resolver o problema, conseguindo já, que fossem postos em execução e programados, os seguintes empreendimentos: Complexo Habitacional da Ponte de Anta, com cerca de 700 fogos; Complexo da Marinha de Silvalde, com 150; Complexo de Paramos, com 100.

Estas habitações sociais destinam-se principalmente aos agregados familiares com rendimento global mensal inferior a três vezes o salário mínimo nacional, entendendo-se por rendimento do agregado familiar todos os vencimentos ilíquidos e outras fontes de rendimento de todos os membros desse agregado, com excepção do abono de família.

A renda variará entre 400\$00 e 2.960\$00 em função do rendimento familiar.

A Repartição Técnica da Câmara, cujo espírito de colaboração nunca é demais realçar, está a proceder a estudos com vista a alargar empreendimentos desta natureza.

Temos projectada a implantação de 30 casas prefabricadas em Paramos para acorrer a situações de emergência e vai iniciar-se a construção dos primeiros 18 fogos destinados a venda ou renda limitada, procurando assim ir ao encontro de camadas sociais menos carecidas.

Como se pode verificar, apesar de todos estes empreendimentos que orçam o milhão de contos, estamos longe de atingir as necessárias 3.000 habitações; todavia seria falta imperdoável não reconhecer o extraordinário esforço que o Governo está a fazer neste sector, mormente se compararmos com a obra realizada nas décadas anteriores.

continua na página 6

6 — Uma das grandes deficiências da cidade no que se refere a equipamentos de interesse colectivo tem a ver com a inexistência de uma Casa de Cultura, ou instalações semelhantes, onde a população e os grupos culturais existentes pudessem desenvolver uma prática cultural mais intensa. Como está a questão a ser encarada?

As deficiências do concelho no que se refere a equipamentos de interesse colectivo são enormes, e um exame que não necessita de ser minucioso detectará imediatamente: um Ciclo Preparatório a funcionar em péssimas condições, repartido por três edifícios qual deles pior; um Tribunal a rebenatar pelas costuras; os Correios que não servem de maneira adequada uma terra como a nossa; algumas escolas sem possibilidades de recuperação; a falta de equipamento gimnodesportivo nas freguesias; um Parque de Campismo em miniatura; a falta de redes de água e saneamento nas freguesias, etc., etc.

A Câmara, com os recursos de que dispõe, não pode fazer face a empreendimentos desta grandeza, todavia tem diligenciado junto dos departamentos oficiais para que os mesmos sejam realizados. Assim posso adiantar: para o Ciclo Preparatório foi concedida, na semana passada, através da Secretaria da Administração Escolar, a verba para a compra dos terrenos necessários à sua implantação, ficando o projecto e construção do edifício a cargo da Direcção-Geral das Construções Escolares; a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais informou que o projecto do Tribunal havia sido aprova-

do e dentro em breve deveriam começar os trabalhos; a Administração dos C.T.T. está a proceder às expropriações dos terrenos e elaboração dos projectos para a construção do seu novo edifício; a Direcção do Saneamento Básico tem em apreciação os projectos relativos à rede de abastecimentos de água e esgotos respeitantes a Anta e Guetim; aguarda-se a autorização da Direcção de Estradas de Aveiro para levar a rede de águas ao limite do concelho em Paramos. Por outro lado a Repartição Técnica está a levar a cabo a planta cadastral dos terrenos necessários ao Complexo Desportivo e está em fase adiantada o projecto do novo Parque de Campismo.

Quanto às Escolas Primárias, estão neste momento em construção: o complexo escolar de Espinho (8 salas de aula), a escola da Quinta em Anta (4 salas); foi a concurso, no dia 7, a Escola da Marinha em Silvalde (13 salas) e está já aprovada a construção de mais 10 salas de aula na zona da rua 33.

Como se pode ver pela enumeração sumária que aqui deixamos, o equipamento em vias de realização necessita de centenas de milhares de contos para cobrir o seu custo. O povo costuma dizer que Roma e Pavia não se fizeram num dia e não é possível realizar em 3 anos o que não foi em várias décadas. Não obstante, a Assembleia Municipal já recomendou que a Câmara estudasse a possibilidade de construir, no local onde hoje funciona o Centro de Saúde, um edifício polivalente onde funcionasse um Centro de Cultura com o equipamento necessário.

Pensar-se, já se pensa há muito tempo, todavia a Câmara carece, para pôr em prática tal medida, por um lado, de meios financeiros, e por outro da aprovação da Lei de Bases da Função Pública para poder propor superiormente essa alteração.

7 — Uma das questões recorrentes sempre que se fala em administração local é a pretensa desigualdade dada no tratamento aos assuntos de interesse para as freguesias, as quais segundo alguns, seriam muitas vezes marginalizadas em favor da cidade. Como vê o Sr. Presidente estas críticas?

Convém antes de mais, não confundir a categoria jurídica de cidade com a classificação administrativa de município.

A cidade de Espinho é constituída pela freguesia de Espinho e parte das freguesias de Silvalde e Anta.



CALCULA-SE EM MAIS DE TRÊS MIL HABITAÇÕES A CARÊNCIA NESTE DOMÍNIO

Como é sabido, as cidades têm problemas característicos, tais como: os dos arruamentos, habitação, higiene, cultura física e intelectual, expansão, segurança, comunicações, abastecimento, iluminação, assistência, etc., que se revestem de maior acuidade do que os das zonas rurais.

Por outro lado, é útil lembrar que quando se constrói um Ciclo Preparatório, um edifício para os Correios, o Tribunal, vias de intercomunicação, ou se promove o desenvolvimento turístico, não se está a pensar nesta ou naquela freguesia, mas no concelho como um todo e na sua população.

Do mesmo modo, quando se procura defender a costa e restituir a Espinho o areal perdido, está também a pensar-se na to-

rondam a centena de milhar de contos, com particular incidência no saneamento básico.

Pelo que acabo de expôr, não me parece que as freguesias estejam a ser marginalizadas em favor da cidade.

8 — Na eventualidade de haver qualquer assunto por nós não afluído e que mereça referência, queira fazê-lo, para maior esclarecimento dos problemas que afectam o nosso concelho.

Há tantos problemas que afectam o nosso concelho que seria um nunca mais acabar de enumerá-los. Contudo aproveito a oportunidade que me dá para abordar alguns que considero de extrema importância, assim:

ESTABELECIMENTO
DE MÓVEIS
E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADE
EM MOBILIAS
DE ESTILO
SÉCULO XVII

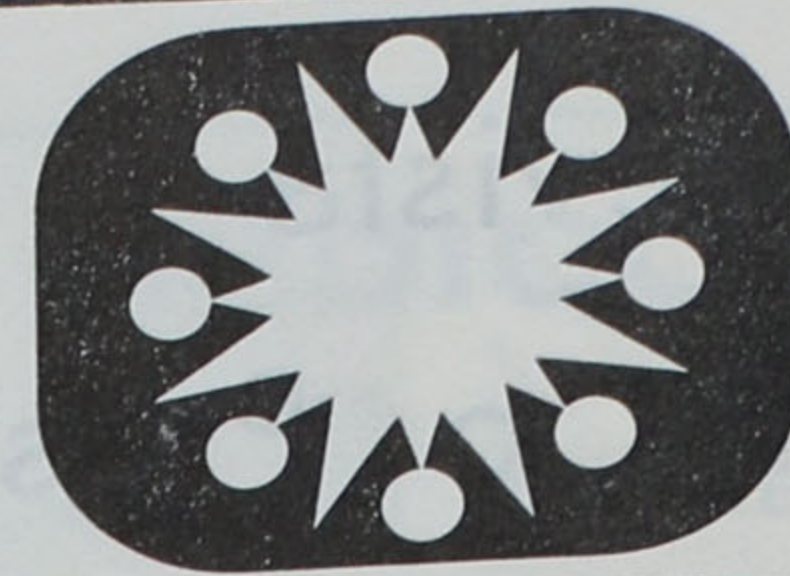
**JOSÉ
AZEVEDO
PERES
BIZARRO**

R. 4 n.º 667 — Tel. 921324

ESPINHO

5 — Quando se pensa reestruturar o quadro do pessoal de obras, por forma a poder fazer face às questões que lhe são postas e que, não raro, ficam sem resposta por falta de quem execute as tarefas necessárias?

NO DIA DA CIDADE A PRESENÇA DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA DE ESPINHO



BARBEARIA CUSTÓDIO

Rua 19 n.º 249 Telef. 920680 ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275
Telef. 920413
ESPINHO

Confeções para Homem e Senhora

Camisaria — Malhas

CASA SISSI

Rua 19 n.º 392 Telef. 920502 ESPINHO

BELAMEIA

A. MANUEL CORREIA SIMÕES

Grande sortido em Meias — Peúgas — Malhas e Lãs
Modas — Miudezas — Camisaria e Gravataria
Artigos de bordar, etc.

Rua 23 n.º 316 Telef. 920351 ESPINHO

Fábrica de Tapetes para Automóveis

AQUILES PINTO LOUREIRO

Alcatifas — Carpetes — Tapetes

Rua 22 n.ºs 1190-1192 — Tels.: Fáb. 922171 — Res. 921556
(Frente às Oficinas Martins)
ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Salão Júlia CABELEIREIRA

Rua 19 n.º 178 Telef. 921519 ESPINHO

Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.ª

ARMAZENISTAS DE MERCEARIA (GROSSA E FINA)

Cereais — Farinhas — Gorduras — Batata — Águas de
Carvalhos — Cervejas — Vinhos, etc.

Societários da Distribuidora de Cervejas do Vouga, Lda.

Ruas 16 n.º 766 e 25 n.º 367 — Apartado 38 — Tel. 920190

ESPINHO

CASA SILVA

JOÃO ANTÓNIO JESUS DA SILVA

Fazendas e Camisaria — Modas e Confeções
Sempre as últimas novidades

Rua 23 n.º 345 Telef. 921085 ESPINHO

Foto ARTIS

RETRATOS DE ARTE

Estúdio com montagem electrónica
e laboratório a cores de alta precisão

Rua 19 n.º 287 Telef. 922387 ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Móveis modernos, estilo e para cozinha — Estofos
Decorações e artigos decorativos

MÓVEIS CAPELA

Avenida 24 n.º 213 Telef. 923086 ESPINHO

SOCIEDADE MALHAS COPITEX LDA.

Confeção de Malhas para
Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200
Apartado 76 ESPINHO

MODAS MENDES

TECIDOS — CAMISARIA

Rua 16 n.º 683 Telef. 920168 ESPINHO

HORTO DE ESPINHO

FUNDADO EM 1890

MARIA JOSÉ ALVES BELO

Ramos para Noivas — Coroas — Palmas
Flores Naturais e Artificiais

Rua 19 n.ºs 268 e 270 ESPINHO



"O VIVEIRO"

Aquários - Alimentação
Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52
Telef. 921622
Merc. Municipal — Espinho

FERRAGENS — FERRAMENTAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Centeno, Pereira & C.ª, L.ª

Rua 24 n.º 963 Telef. 922761 ESPINHO

Camisaria MIMO

Rua 19 n.º 337 Telef. 920752 ESPINHO

Camisas — Gravatas — Malhas — Lingerie
Cintas — Soutiens

A ÚLTIMA MODA EM TODOS OS SEUS ARTIGOS

ISAURA CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 Telef. 920461 ESPINHO

O TRABALHO QUE FAZ PULSAR ESPINHO

Sendo muito mais do que uma terra turística, Espinho não é já também a terra de pescadores que foi durante muito tempo. Pescadores continua a haver, apesar do mar e do sistema não ajudarem, mas o seu número é quase insignificante num concelho onde a indústria e o comércio, são reis e senhores. São cerca de uma centena, distribuídos pelas companhias de Espinho e Paramos, número que poderá ser um pouco acrescentado pelos seus familiares que lhes dão apoio sobretudo na venda do produto da pesca. Ainda ligada com a pesca, apenas uma empresa (na ex-Brandão Gomes) se dedica à indústria conserveira, empregando também menos de uma centena de trabalhadores.

No turismo, o sector hoteleiro, com cerca de duas centenas de trabalhadores, é o mais significativo, não fornecendo contudo os números espectaculares que pudessem reduzir Espinho a uma estância turística.

Agricultura é uma actividade pouco importante e serão mesmo muito poucos os casos em que seja o único meio de subsistência. Normalmente é uma actividade complementar exercida por pessoas que têm o seu emprego insuficientemente remunerado. Paramos e Gueitim serão as freguesias mais agrícolas, que terão dado um

maior contributo para que em 1970 se produzissem cerca de sete mil contos no sector agro-pecuário.

O grande peso económico do concelho é portanto deixado a cargo da indústria e do comércio.

O comércio, que terá a sua maior expressão na feira semanal, é um sector disseminado por um grande número de pequenas empresas, o que se vem reflectir em cerca de três centenas de trabalhadores-caixeiros.

Entramos assim no chamado «sector dos serviços» que é sem dúvida a actividade dominante na população da cidade. A estes últimos, acrescentar-se-ão os trabalhadores de escritórios, os bancários e os professores, nomeadamente.

Número que é consideravelmente acrescentado pelos trabalhadores que diariamente se deslocam para fora do concelho. O Porto absorve cerca de 1.500 e outras zonas da região outro tanto. E não estaremos muito errados se dissermos que cerca de 80% destes três mil habitantes se ocupam precisamente no sector dos serviços.

E assim que, à «cidade dos serviços» se opõem as freguesias dos operários. Os números de que dispomos de alguns sindicatos confirmam precisamente a ideia de que, na indústria do concelho, na cidade

ou nas freguesias, a maior parte dos trabalhadores são das freguesias de Espinho e, ainda um número menos importante, de outras freguesias, como Nogueira e S. Félix da Marinha.

Na actividade industrial, o sector têxtil de cordoaria e tapeçaria é o mais importante ocupando cerca de dois mil trabalhadores, seguido do sector químico, do metalúrgico e, já bastante afastado, os de mobiliário e de malhas.

As dificuldades que nos surgiram na obtenção de dados

mais concretos, quanto ao que fazem as pessoas que moram em Espinho, não impedem contudo que se tenha confirmado a mais importante das características do concelho e dos seus trabalhadores: a dependência de Espinho-cidade em relação ao Porto no sector de serviços e o consequente fluxo diário para aquela cidade e a orientação dos habitantes das freguesias para a actividade comercial, na cidade, e industrial, no concelho.

ORGANIZAÇÃO NO TRABALHO

A organização sindical não assume em Espinho as formas adiantadas de outros concelhos mais fortemente industriais, como é o caso de S. João da Madeira, onde já foi possível organizar uma União Local dos Sindicatos.

O facto de Espinho se encontrar entre o Porto e Vila da Feira, onde a indústria se encontra mais concentrada, explicará o facto de os Sindicatos terem as suas sedes num ou noutro lado, e muito poucas em Espinho. Funcionam aqui sedes dos Escritórios de Aveiro, Madeireiros, Panificação, Hotelaria e Vestuário e delegações dos Químicos do Norte e Metalúrgicos de Aveiro.

Os plenários de sindicatos são muito espaçados e só recentemente, a propósito do Conselho Municipal, se realizaram reuniões intersindicais. A nível regional, tem sido até a delegação de Espinho da Associação de Reformados do Porto que tem promovido reuniões de âmbito mais geral.

As comissões sindicais existem sobretudo a nível de grandes empresas, mas sem actividades que ultrapassem o nível das próprias empresas e as comissões de trabalhadores têm

sofrido, na sua actividade, as consequências da política repressiva que tem atingido os trabalhadores.

Apesar disso, a sua actividade não cessou, sobretudo nas grandes empresas, sendo de assinalar várias experiências importantes: a gestão da Fábrica Vigorosa, a cooperativa de consumo dos trabalhadores da Fábrica Progresso e a formação da Cooperativa Operária Paramense. Outras comissões de trabalhadores têm-se destacado pela sua actividade, nomeadamente a dos Serviços Municipalizados e da Fosforeira.

Alguns outros aspectos parciais da actividade sindical ressaltarão de dados que recolhemos em alguns sindicatos lo-

Os trabalhadores e o poder local

Não têm sido até agora muito numerosas as ocasiões de contacto entre as organizações de trabalhadores e do poder local. A oportunidade surge agora com a criação do Conselho Municipal e onde foi decidido que os sindicatos teriam três representantes.

No entanto, as relações não começaram da melhor maneira. Os quatro lugares propostos pelos sindicatos foram diminuídos para três, mas, o que provocou maior polémica foi o facto da A. M. ter ela própria determinado que esses três lugares seriam atribuídos do seguinte modo: dois à escola da União dos Sindicatos de Aveiro e outro para o Sindicato dos Escritórios.

Os sindicatos reagem ao que consideram uma ingerência nas suas atribuições e, embora tencionassem dar um lugar aos Escritórios, criticam a forma de imposição assumida pela Assembleia Municipal.

cais, onde lamentavelmente está ausente o Sindicato dos Escritórios, que não se mostrou cooperante.

Trabalhadores da "Petrogal Norte" em greve

MANIFESTO A POPULAÇÃO

PORQUE RECORREMOS A GREVE

PARA LUTAR PELA REINTEGRAÇÃO DO ENG.º-TÉCNICO DESPEDIDO

PARA COMBATER OS DESPEDIMENTOS ARBITRÁRIOS

PARA DEFENDER OS POSTOS DE TRABALHO

PARA COMBATER A REPRESSÃO DO CONSELHO DE GERÊNCIA

Alertamos a população em geral que lutamos por uma causa justa. Exercer a autoridade disciplinar não é despedir arbitrariamente.

Alertamos as entidades competentes dos perigos a que conduziria a política interna do Conselho de Gerência da «Petrogal». Atropelar as liberdades e os direitos dos trabalhadores originou este conflito. Não havia outra alternativa senão a greve para evitar este despedimento. A totalidade dos trabalhadores dos lubrificantes lutarão firmemente até à reintegração, com a solidariedade dos restantes trabalhadores da «Petrogal», prontos a endurecer a luta se necessário for e se o Conselho de Gerência mantiver a sua posição irredutível e obstinada.

Não aceitaremos a política do «Quero, Posso e Mando». As liberdades serão defendidas — os despedimentos combatidos.

CONTRA A REPRESSÃO
CONTRA A ARBITRARIEDADE
CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Divulga e esclarece a luta dos trabalhadores da «Petrogal»
A solidariedade é uma arma importante dos trabalhadores
APOIA A LUTA

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO NORTE
SINDICATO DOS QUÍMICOS DO NORTE
SINDICATO DOS ARMAZÉNS DO NORTE
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO NORTE
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS E GARAGENS
SINDICATO DOS FOGUEIROS DO NORTE
SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL, MÁRMORES E MADEIRAS

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

PUB.

GREVE CONTRA DESPEDIMENTO NUMA REFINARIA DA «PETROGAL»

O despedimento injusto de um engenheiro técnico está na origem da greve que os 75 trabalhadores da secção de lubrificantes da refinaria do Porto da Petrogal, estão a fazer desde o passado dia 13.

Segundo foi divulgado em conferência de imprensa, pelos representantes dos trabalhadores, o concelho de gerência da empresa alega como causa de despedimento do engenheiro técnico Marques Rodrigues «desobediência a um superior hierárquico, por o trabalhador se ter recusado correctamente a proceder à apreciação de colegas de trabalho a serem promovidos».

De acordo com o despedido, a recusa deveu-se ao facto de em situações anteriores a sua opinião não ter sido considerada, acabando a chefia por promover quem entendia.

A luta que os trabalhadores desenvolvem tem também como objectivo protestar contra despedimento do escriturário Orlando Cordeiro de Lisboa, conta com o apoio dos restantes trabalhadores da empresa.

Os representantes dos trabalhadores efectuaram já vários contactos com o secretário de Estado das Indústrias de Base que lhes garantiu que tentaria resolver o caso junto do conselho de gerência. Os trabalhadores manifestaram na conferência de imprensa a disposição de encetar outras lutas, se o caso assim o exigir.



PONTO DE ENCONTRO

Esta cidade não tem fonte ruidosa e borbulhante, à volta da qual se costumam juntar, nas povoações mais atrasadas, claro, as vozes, os comentários, os gracejos, nas horas de repouso, de lazer. Esta cidade tem adro, porque tem igreja, não tem é o costume de ali se sentar, falando e preguiçando. Mas esta cidade tem uma linha dos caminhos de ferro, debaixo da qual existe uma passagem, que não poderia deixar de se chamar, subterrânea. Contudo o leitor pode perguntar, irado, e está no seu direito, o que é que a passagem tem a ver com os tais pontos de reunião. Calma, é que além dos caminhos de ferro, além da passagem subterrânea, existe um muro, aí é que está o busilis, normalmente povoado de mirones, de gente, que descansa, que comenta, que vê. Não temos fonte, nem adro que se preze, mas temos um muro!

Um bocejo, um cigarro que se fuma, um jornal que se folheia, as pernas balouçando, a conversa que vem, fluente, rápida, uma atrás da outra.

— Porcaria de equipa,

não se aguentam nas canetas.

— A culpa é do treinador!
— O raio do avançado anda a dormir em pé!
— A culpa é do treinador!
— A defesa faz cada fífia!

— A culpa é do treinador!
— Agora é bem feito, vão jogar com o Salgueiros.

— A culpa é do treinador!
Os carros passam, rápidos ou tartarugas, o movimento nos passeios continua, entra-se e sai-se dos estabelecimentos, miram-se as montras. O sol começa a fugir, mas aquele magote de gente continua a desenrolar o seu descanso, palavra atrás de palavra, cigarro atrás de cigarro.

— Olha para aquele carro, como ele fez a curva!
— Curvas tem aquela que ali vai!

— Há melhores!
— Não é de se deitar fora!

— E depois o tipo disse.
— Ai disse? Mas que grande safado.

O dia vai morrendo lentamente. Junto ao muro, na falta de fonte ou de adro, discute-se comenta-se, mira-se, descansa-se!

PLANEANDO

TURISMO

A localização de Espinho à beira-mar tem sido desde sempre motivo de atracção e liga-se à própria formação do agregado populacional. Tradicionalmente considerada estância de turismo tem-se vindo gradualmente a modificar o tipo desse turismo, sem que as respectivas estruturas acompanhem essas mutações. A vila-praia, dependendo em grande parte das movimentações de Verão, características de determinadas camadas sociais, deu lugar à cidade, com a sua vida própria, e viu transformar-se a sua clientela turística, que actualmente se compõe de pessoas dos arredores que se deslocam diariamente de e para as suas terras. Esta realidade impõe que se repense o turismo em Espinho de maneira a torná-lo mais acessível a esses estratos, apoiando-se a criação de centros de férias e outros meios de turismo económico como os parques de campismo.

PARQUE DE CAMPISMO

Abrir no velho a pensar no novo



Reabriu ainda no mesmo local o parque de campismo, em que algumas obras de manutenção não servem para esconder a insuficiência e a necessidade de substituição há tantos anos adiada. Resta-nos a consolação de já ter sido aprovado pelos órgãos autárquicos locais a nova implantação e de estar já pronto o ante-projecto, bem como cativos os dinheiros para a sua realização. Porém as demoras burocráticas continuam a emperrar o processo, o que vem permitir que entretanto se abatam indiscriminadamente as árvores existentes nos terrenos destinados à implantação do parque e que tanta falta lhe vão fazer, e o dinheiro se desvaloriza, impedindo talvez que todo o projecto se possa concretizar. Projecto que sem dúvida contempla todos os requisitos de que um moderno parque de campismo deve dispôr, desde piscina e parque de jogos, ténis, fogo de campo, casa para o guarda, canil, até ao restaurante e self-service, auto-mercado, lavandaria e lavabos e sanitários com todos os requisitos. Esse será sem dúvida um parque à altura das necessidades turísticas de Espinho, que com o actual impede centenas de pessoas de passarem umas férias prolongadas nas suas praias, e, de Julho a Agosto, nega a dezenas de passantes por dia uma estadia mais curta, mas não menos importante em termos de turismo.

Urge alertar para a máquina emperrada dos departamentos responsáveis pelo turismo nacional, que continuam em muitos aspectos ligados a uma época e a interesses que foram ultrapassados. Os interesses particulares e privados mantêm ainda grande força neste sector, mas as autarquias devem tomar as rédeas da iniciativa, a bem do turismo de massas.



O INTERESSE PRIVADO CONTRA A NECESSIDADE COLECTIVA

Depõem os urbanistas

Os problemas da habitação, a integração das novas zonas habitacionais, as perspectivas de desenvolvimento futuro foram temas que Maré Viva (M. V.) abordou com dois responsáveis pelo sector, em Espinho, o Arquitecto Marques de Aguiar (M. A.), urbanista, e o Engenheiro Pinto Correia (P. C.), chefe da Repartição Técnica da Câmara.

«M. V.» — *Estão em execução ou em vias de se construir cerca de setecentos fogos no concelho de Espinho. Porém este surto não é acompanhado pelos concelhos limítrofes. Não virá Espinho a sofrer a canalização de pessoas de fora agravando assim ainda mais o problema?*

«P. C.» — *O que se está a fazer em Espinho é necessário para as pessoas que cá vivem mal alojadas e deve-se garantir que essas casas sejam atribuídas a pessoas de Espinho.*

«M. V.» — *Os novos empreendimentos bastarão para solucionar o problema da habitação? Continuamos a constatar que inúmeros pedidos de construção são rejeitados, será que não se deve construir mais?*

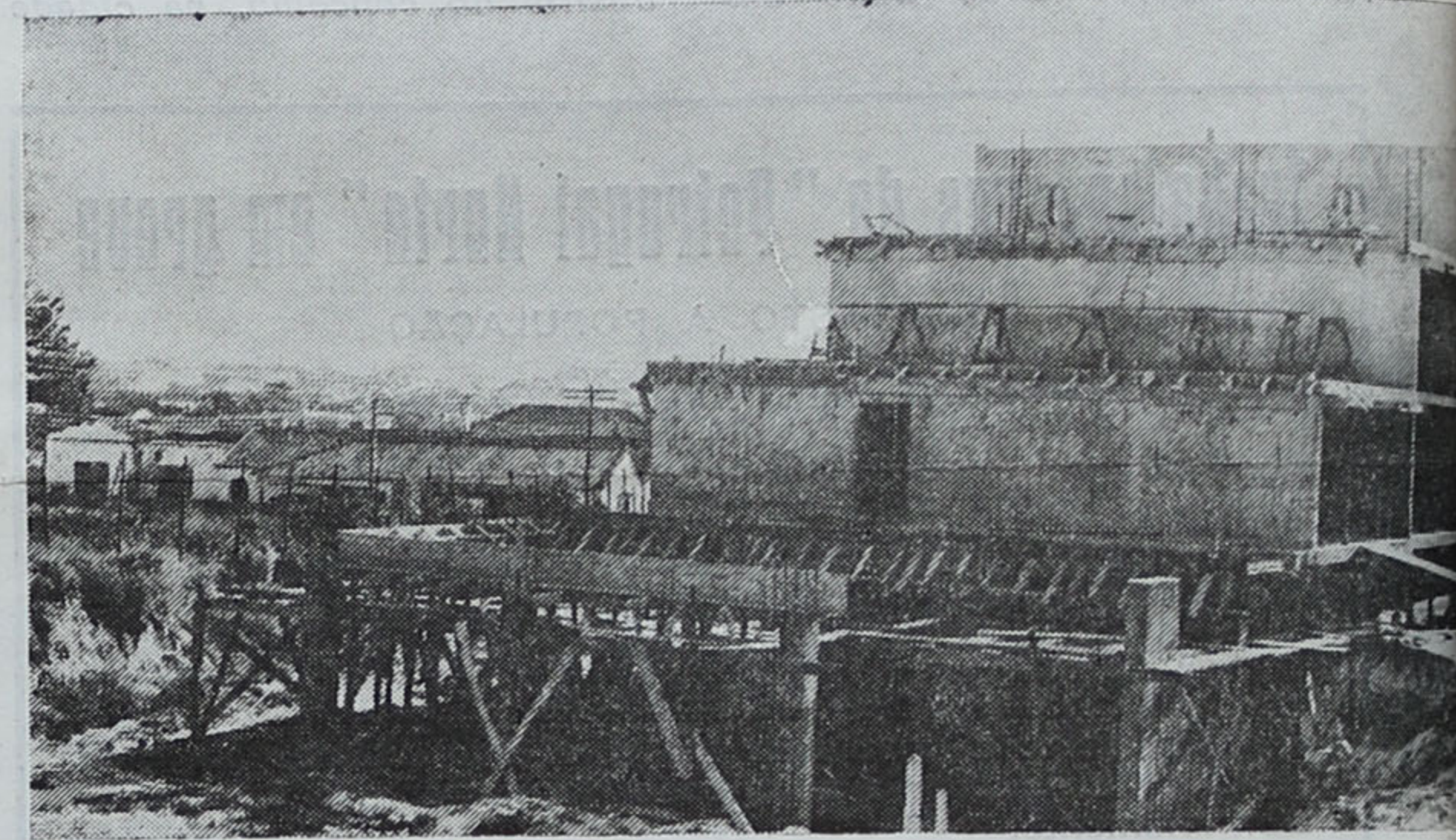
«M. A.» — *Certo que o que se está a fazer não basta, porém o desenvolvimento não se poderá fazer de uma forma desordenada e utilizando solos agrícolas de 1.ª qualidade. Só 8% dos solos agrícolas são de 1.ª qualidade e é fundamental preservá-los. O caso de Espinho que tem zonas nitidamente urbanas e zonas de expansão para Anta e uma zona de expansão em Silvalde, tem uma zona intermédia nitidamente agrícola que é necessário preservar, entre Silvalde e Espinho acompanhando a linha de água da Ribeira. O Parque da Cidade, recentemente criado acompanha essa linha e cria uma zona verde que se insere no futuro desenvolvimento da cidade. Para responder aos problemas da habitação em Anta e Silvalde é necessário procurar zonas para esse efeito. Um dos exemplos é o de Esmojães. Está pronto um estudo para uma urbaniza-*



«A CAMARA DEVERÁ ADQUIRIR TERRENOS PARA OS PROPOR A QUEM QUER CONSTRUIR».

ção que integra as casas a construir pela Solverde. É necessário adquirir os terrenos envolventes para depois os poder propôr a quem quiser construir. Tem de se impedir a proliferação, é necessário nuclear. A política aconselhável era de as Juntas terem terre-

tantes pedidos de emigrantes para construir, normalmente em terrenos sem possibilidades, e nós assim temos alternativas a propôr. A compra destes terrenos por parte da Câmara é altamente participada e se se foge a estas soluções é porque elas não são agradáveis e



nos para construir, escolhidos de entre os de menor aptidão agrícola, para oferecerem em alternativa para quem quer construir em terrenos sem condições de infraestruturas ou agrícolas de 1.ª qualidade.

«M. V.» — *Estar-se-á a dar a devida atenção em Espinho aos aspectos de reserva de terrenos?*

«P. C.» — *Está a começar-se muito timidamente com um terreno por trás do Quartel da Carreira de tiro e há outro projecto para Anta feito já há bastante tempo mas que ainda carece de autorização superior. Nesta altura começam a aparecer bas-*

criam litígios com interesses particulares.

«M. A.» — *Torna-se importante que se definam objectivos por parte da administração. Determinar quais as zonas para construção e intervir directamente na compra desses terrenos. Não digo que se ultrapassem as capacidades financeiras, mas prever as disponibilidades para todos os anos se comprarem algumas parcelas de terreno, utilizando o produto da venda desses terrenos para aquisição de outros.*

«M. V.» — *Uma outra questão que gostaríamos de pôr é a de saber até que ponto os*

Entrevista com o Presidente da Câmara

continuação da página 3

b) DEFESA DA PRAIA — *É um problema que se arrasta há longos anos sem ter encontrado solução, e que o último temporal veio realçar de forma dramática. Conforme ao prometido, a Direcção-Geral de Portos, ultrapassando dificuldades orçamentais, tem procedido ao reforço da defesa frontal e prossegue com os estudos que possibilitem a reconstituição do areal de modo a permitir que Espinho volte a ter a praia de banhos que muitos de nós ainda conhecemos e que tanta falta faz ao desenvolvimento turístico da região. Outros problemas haveria*

ainda a focar tais como: a educação pré-escolar, o ensino especial, a assistência materno-infantil, a terceira idade, saúde, etc. Mas como esta entrevista já vai longa, não quero abusar do espaço que tão gentilmente me concedem.

9 — *A terminar, gostaríamos que nos desse uma perspectiva pessoal sobre a forma como prevê o desenvolvimento futuro do concelho e quais as principais condicionantes, negativas e positivas, que entram para a definição da vida em Espinho nos próximos anos.*

A nossa terra possui condições especiais que têm possi-

bilitado um tipo de vida saudável e atraído um número cada vez maior de visitantes. Basta ver a quantidade de pessoas que nos dias de lazer procuram a nossa terra para nela usufruarem dum ambiente agradável. Se for possível evitar a degradação desse ambiente conservando os valores naturais com que fomos dotados, se for possível conjugar os esforços de todos os espinhenses para o progresso da nossa terra, estou persuadido que a vida em Espinho nos próximos anos poderá ser bem melhor do que hoje.

ESPINHO FUTURO

« A Administração tem que definir objectivos »

novos empreendimentos da Ponte de Anta e Marinha se integram dentro das estruturas da cidade, ou se o seu aparecimento não irá levantar problemas de isolamento ou mesmo degradação conforme os casos?

«M. A.» — No caso da Ponte de Anta todo o arranjo foi pensado em termos da sua integração na cidade. Previam-se nas necessárias estruturas para apoiar as necessidades do quotidiano, deixando o ocasional para o centro da cidade. Assim cria-se a escola, o café, a mercearia, de molde a satisfazer as necessidades imediatas e criar interesses locais, por outro lado a satisfação de outras necessidades, o cinema, etc. serão encontradas na cidade.

«P. C.» — O caso da Mari-

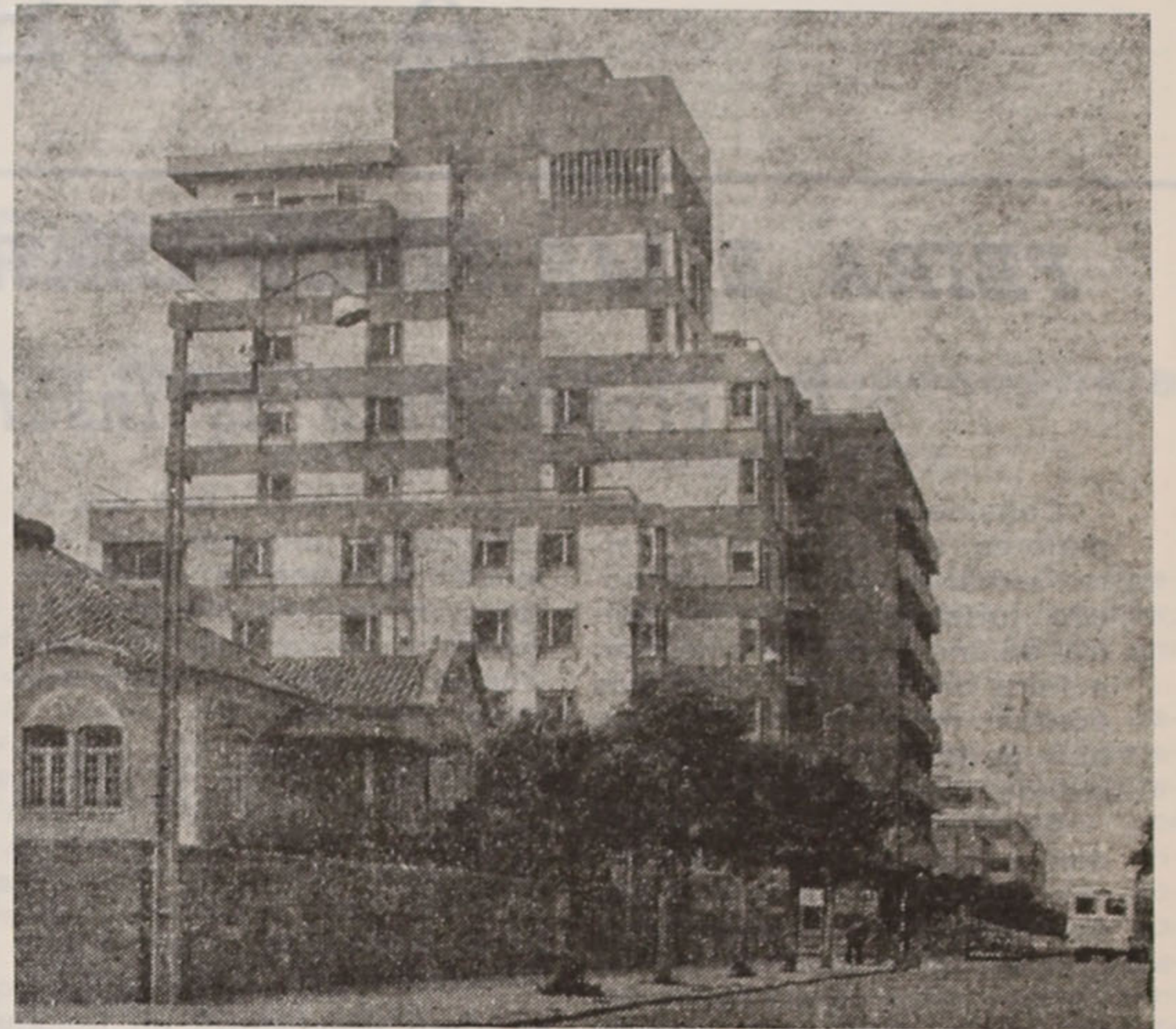
inha obedece ao princípio de se criar uma coisa nova, de separar a zona, criar novo ambiente. A ideia é de que a pouco e pouco se faça uma recuperação do degradado. Pretende-se com este empreendimento recuperar o que está mal e não degradar o novo. Espera-se que o novo tenha força para absorver, quer através da deslocação para o local de pessoas que tenham outros hábitos, quer através de futuras intervenções na zona. Na minha óptica o que deveria ser feito era realojar certas pessoas desta zona degradada e actuar na reconversão da zona assim libertada.

«M. A.» — Pois é exactamente isso que eu chamo definir objectivos. Deveria ter-se como objectivo ir até ao fim, lenta mas progressivamente re-

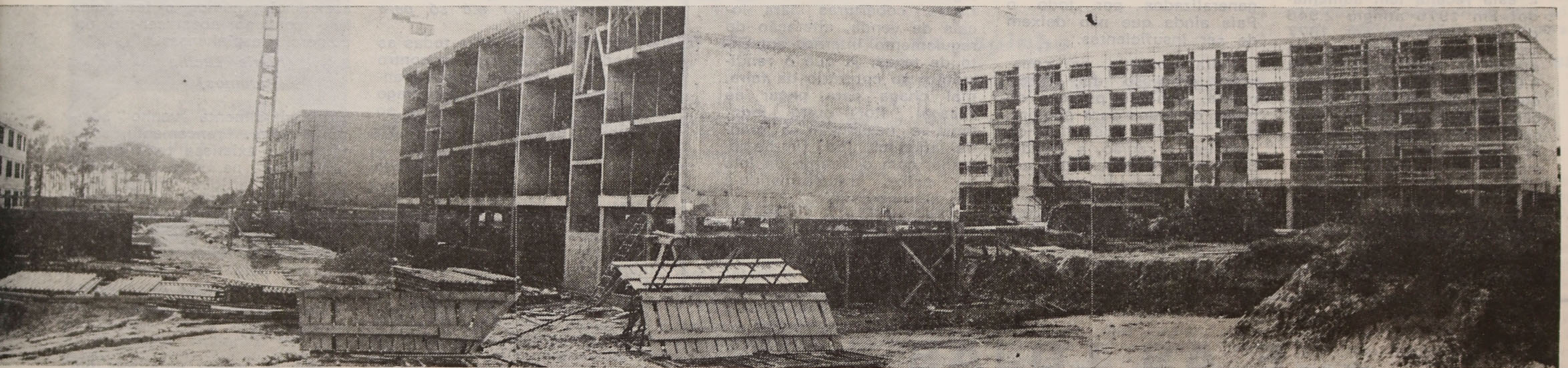
cuperar toda a zona, e não ficarmos por um empreendimento sem lhe dar a continuidade.

«M. V.» — Como é que vêm a criação dos Serviços Municipais de Habitação?

«P. C.» — Para Espinho acho absolutamente indispensável. Com o parque habitacional que Espinho vai ter, de administração da autarquia, não pode ser de outra maneira. Porque depois de se fazerem estes edifícios todos não há ninguém que trate dos problemas que daí advêm. Entram as pessoas para as casas e depois não há ninguém que trate das coisas. É necessário dar assistência a todos os aspectos, não só às habitações mas também os espaços envolventes. É um problema que se está a protelar mas que é da máxima importância.



PREVER AS ESTRUTURAS PARA APOIAR AS NECESSIDADES DO QUOTIDIANO



COMPLEXO HABITACIONAL DA PONTE DE ANTA

OUVINDO OS CONSTRUTORES

«Esta obra encontra-se dividida em duas fases. Na primeira serão construídos 226 fogos, dos quais 83 têm 2 quartos (t2) 97 têm 3 quartos (t3) e 46 com 4 (t4). A segunda fase constará de 84 fogos, sendo 25 de dois quartos, 42 de 3 e 17 de 4».

Foi assim que o Engenheiro Neves de Castro, responsável na construção do complexo habitacional da Ponte de Anta, nos começou a elucidar sobre as características gerais da obra. E acrescentou:

«Para além destes blocos habitacionais está prevista a construção de um Centro Comercial e de escolas primárias, imo já fora da nossa empreitada. Conseguir-se-á assim criar aqui um núcleo com vida própria, impedindo que este aglomerado se transforme num simples dormitório. Quanto a nós, para além da construção das habitações propriamente ditas e dos arruamentos e pavimentações, vamos criar zonas relvadas e espaços amplos entre os blocos, onde as crianças possam brincar em segurança completamente à vontade».

Este aspecto parece-nos bastante importante. São sobretudo conhecidas as condições

de vida existentes nas cidades-dormitório à volta de Lisboa, por exemplo. Em muitas delas não existe um mínimo de estruturas que permita ao homem realizar-se como ser social naquilo que deveria ser o seu habitat.

Inquirimos em seguida o Engenheiro Neves de Castro sobre as condições de habitação dos apartamentos.

«As casas oferecem condições de habitação muito boas.

Os compartimentos são bastante amplos, ultrapassando muito do que por aí hoje em dia se vê. As janelas estão bem rasgadas e produzem uma óptima dimensão de luz no interior. Além disso todos os apartamentos possuem dispensa e os próprios t3 (com três quartos) possuem duas casas de banho».

A construção destas habitações é de grande importância para Espinho, por razões sobretudo expostas. Trata-se efectivamente de um sério contributo para a resolução do problema da habitação na nossa cidade. Daí o nosso interesse em saber da forma como vão decorrendo as obras.

«Empregamos neste momento cerca de 180 homens nas obras e nunca ultrapassamos os 200.

De uma forma geral as obras têm corrido bem, processando-se a bom ritmo. Surgiram porém, alguns problemas que ainda não conseguimos ultrapassar. Trata-se sobretudo de uns postes e fios de alta tensão de responsabilidade da EDP. Alguns destes postes situam-se precisamente no local onde se deveriam estender novos blocos de habitação. Além disso, os fios de alta tensão impedem o crescimento em altura de outros blocos e o próprio funcionamento da grua que aqui temos instalada. A EDP já prometeu retirá-los o que, aliás, a não se veificar teria impedido a realização da obra. De qualquer forma, e após as muitas diligências que fizemos junto da EDP para que os postes fossem retirados rapidamente, o facto é que eles ali continuam atrasando o nosso trabalho».

Enfim, mais um dos muitos entraves, concerteza de ordem burocrática, e perante o qual não podemos deixar de protestar. Esperamos sinceramente que, após este alerta que aqui deixamos pela boca do Engenheiro Neves de Castro, a EDP se decida a assumir as suas responsabilidades, retirando os postes em causa.

ALGUNS DADOS

Este complexo habitacional integra-se perfeitamente na zona de desenvolvimento urbano da cidade e reveste-se de características a todos os títulos meritórias. Compõe-se de três fases, das quais duas já estão adjudicadas, uma delas em fase adiantada de construção, uma terceira fase em vias de adjudicação, e uma fase complementar, deveras inovadora que é a de construções para a terceira idade. O grupo habitacional é composto por edifícios de R/C com dois e três andares e caves para aparcamentos de viaturas, arrecadações, logradouros cobertos, etc. O tipo de habitação são o T2, T3 e T4, isto é, com dois, três e quatro quartos.

A fase de casas para a terceira idade é constituída por pequenos apartamentos térreos, constituídos por sala comum e um quarto, e agrupados dois a dois, unidos por um pátio comum. Todo o conjunto está servido por uma rua que se inserirá na E. N. e que constitui a sua espinha dorsal, tendo um arruamento periférico que alimentará o conjunto de edifícios. Neste aspecto é de realçar o privilégio que se dá ao peão, que dispõe da maior parte do terreno livre, absolutamente vedado ao trânsito automóvel. Pretendeu-se assim criar zonas de continuidade entre todos os blocos de maneira a proporcionar um aproveitamento de espaços verdes e logradouros públicos.

ESPINHO, CENTRO DE A DEPENDÊNCIA

FEIRA E MERCADO DIÁRIO

Do crescimento às insuficiências

Considerada uma das maiores, se não a maior, feira semanal do País, atracção turística e grande centro de movimento comercial, a feira de Espinho é um dos pontos mais salientes, que não podemos ignorar, desta cidade que habitamos.

Abeirados junto do vereador responsável pelo respectivo pelouro, Nogueira da Silva, sabemos que constitui a grande fonte de receita da Câmara Municipal, cerca de 70 contos semanais, através dum sistema de cobrança mensal, em que se exceptuam semanalmente os sectores do peixe e dos produtos agrícolas, havendo mesmo quem pague por ano. E esta receita tem aumentado! Em 1976 atingiu 2.946 contos passando em 1977 para 3.442, prevendo-se que atinja no ano corrente os 4.000 contos. Aumento que não deriva só da inflação mas, também, da crescente procura de espaço para venda, por parte dos comerciantes que ali se deslocam todas as segundas-feiras. Estes pedidos de ocupação de terreno, têm sido presentemente recusados por inexistência de vagas.

Mas com a construção da

Casa da Justiça, terá que se abandonar uma parte do espaço actualmente destinado para o efeito, mudando-se para norte da rua 19, conforme projecto já aprovado pela Câmara.

Mas as obras só começarão, quando se der início às do Tribunal, atrasadas em virtude de o ministro da Justiça ter sugerido algumas alterações. Quanto aos problemas de ordem higiénica, estão praticamente resolvidos, não se está tão sujeito a poeiras e outras imundícies, tornando as próprias árvores a temperatura mais suave. O caso mais delicado é o das carnes, mas está-se a adaptar métodos generalizados por todo o País ainda que não deixem de ser insuficientes.

Feira, portanto, em constante processo de crescimento, atraindo pessoas de todos os lados para compra, para venda, beneficiando com isto a região, a cidade. Da inicial relutância dos comerciantes locais passou-se para uma total adesão, porque todo o comércio beneficia em grande escala, deste inusitado movimento. A única ameaça para tudo isto

será a variação do poder de compra, a capacidade das pessoas comprarem, em possíveis riscos de baixa com a actual situação económica a nível nacional e internacional.

Quanto ao mercado diário as coisas não estão tão boas. Não é que o movimento seja pouco, as instalações é que são precárias, ultrapassadas, para a localização óptima que possui, para a cidade em que está inserido. Contudo não existe, ainda, nenhum projecto de alteração de local, ou de reestruturação. Pensa-se nisso a nível oficial, mas ainda não se passou do sonho. Para já uma caiadela, alguns melhoramentos exteriores, coberturas para locais de venda, alteração do regulamento interno, aumento de taxas, já que o rendimento, ao contrário da feira, mal chega para pagar ao pessoal. Por outro lado, tenta-se desanuviar a grande afluência do fim-de-semana, com o arranjo da lota do peixe, transformando-a em minimercado.

Crescimento e carências, assim se resume a situação de dois pontos vitais desta cidade.

A FEIRA...



A feira é um acontecimento em Espinho que mobiliza toda a região vizinha e outras mesmo afastadas. Todas as segundas-feiras larga multidão se reúne na cidade para vender, para comprar ou até só para ver.

«Costumo vir à feira todas as semanas porque aqui encontro coisas muito baratas e em grande variedade. Além disso trago a minha filhinha para levar ao médico. Faço toda a minha vida em Espinho.»

Laurinda Dias Ferreira
(Olivães-Nogueira)

«Estou cá todas as segundas! Esta feira é muito importante! Tem de tudo, legumes, fruta, mercearia, panos, sapatos, etc. É talvez uma das maiores do País. Ou pelo menos assim o dizem. A falta da feira seria muito prejudicial para todos os comerciantes, pois é uma fonte de escoamento para os nossos produtos. O ganho é muito variável...»

José da Silva Dias,
negociante de batatas
(Paços de Brandão)

«Costumo vir cá sempre. Bem, eu não dependo da feira: Venho... por vir! Independentemente da feira venho a Espinho para levar a vida: comércio, médico, etc. E ponha lá no seu jornal que o meu marido está desempregado e eu é que tenho que estar aqui a sustentar os meus cinco filhos!»

Isaura Gomes dos Reis
Comerciante de frutas
(Vila da Feira)

«Não costumo falhar uma feira. Embora lá na minha terra haja umas lojitas, aqui abasteço-me por melhor preço e tenho muito por onde escolher. Para além disso venho cá para assistência médica e farmácia. Não costumo abastecer-me no comércio espinhense.»

Maria Lucília
(Paramos)

«Habitualmente venho sempre à feira. Francamente, se a feira não existisse teria graves problemas na comercialização dos meus artigos, porque vem aqui gente de todo o lado — até de Lisboa! — que nunca iriam à minha loja.»

Além da feira, só venho a Espinho para fazer praia.»

Joaquim Moreira de Azevedo
comerciante de panos
(Vergada)

«Só cá venho uma vez por mês. Venho de muito longe, mas acho que vale a pena uma vez por mês: a feira tem coisas muito em conta.»

Maria Amélia
(Sertã — Castelo Branco)

«Estou cá só de passagem. Não, não venho para comprar nada em especial, mas gosto disto: deste ambiente de feira tão diferente do comércio citadino. Além disso, isto começa a acabar no País e esta é mesmo uma feira muito importante. Vou vendo as coisas por aí fora.»

Fernando Fernandes
(Porto)

...E AS LOJAS

O comércio de Espinho, também ele, é um polo de atracção. Fomos junto dos comerciantes saber como eles sentem a interacção comércio espinhense — populações vizinhas.

OCULISTA VITÓ

«Embora não sendo o dono da casa, posso dizer-lhe que a população das freguesias representa uma proporção importante da nossa clientela.»

Vendemos muito para os industriais e de um modo geral para toda a população de Lourosa, Lamas, Paços de Brandão, etc.

Embora já possamos considerar que Espinho está muito independente sob o ponto de vista económico, mesmo prescindindo já da época balnear, ainda se nota muito a importância das freguesias limítrofes na nossa actividade económica.»

(Sr. Cassiano)

OCULISTA VITÓ

«Uma grande percentagem da minha clientela é constituída por gente das freguesias.»

Com o aumento do poder de compra verificado uns anos atrás, o comércio aumentou muito o volume das suas vendas. Actualmente com a recessão económica, tornou a haver um decréscimo no mesmo.

Espinho continua a ser o grande polo de atracção das freguesias em volta, e, embora já dispense perfeitamente as receitas da época balnear, ainda vive muito do intercâmbio com as populações limítrofes.»

(Sr. Romeu Vitó)

SAPATARIA MANUEL

«A população das freguesias vizinhas é uma percentagem muito importante da clientela da casa; talvez 50% ou mesmo mais.»

Estou convencido que o volume de trocas comerciais tem aumentado muito e, embora já comece a verificar certa

recessão ainda não se notam os correspondentes efeitos a nível comercial.

Espinho é já totalmente independente sob o ponto de vista económico, o que se verifica através de uma ampla gama de relações económicas com um número muito variado de comunidades.»

(Sr. Manuel)

CASA IGLESIAS

«65% da clientela da casa é constituída por gente das freguesias. Poderia fornecer números detalhados mas acho que uma apresentação global indica melhor o volume de trocas com o exterior. Ovar e S. João da Madeira são duas das zonas com quem mais temos relações comerciais.»

Actualmente apesar de um aumento do poder de compra que se verificou após o 25 de Abril, nota-se uma certa recessão que inevitavelmente se vai reflectir numa diminuição no volume de vendas.»

(Sr. Daniel Iglésias)

Cerqueira Fernandes

SOLICITADOR

RUA 24 N.º 741 S/D

Telef. 923129

ESPINHO

CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

Passagens — Passaportes — Reservas de Hóteis
Automóveis de Aluguer — Bilhetes de Comboio
Excursões — Apartamentos

AGÊNCIAS EM:

AVEIRO — ÍLHAVO-Sede — AGUEDA — PORTOMAR-MIRA
ESPINHO — Rua Doze n.º 628 — Tels. 921941 e 921285

Apartado 114

40% DO MOVIMENTO DO HOSPITAL É GENTE DE FORA

Espinho é o centro da assistência médica da região. Para aprofundarmos este aspecto centrámos o nosso trabalho no hospital, onde ouvimos o chefe da secretaria, sr. António Alberto Alves:

«Praticamente 40% do movimento do Hospital de Espinho é constituído por pessoas de fora. Este movimento tem uma aceleração constante tendo vindo a aumentar extraordinariamente nos últimos anos a ponto

de as instalações do Hospital já serem exíguas para o receber.

Os próprios quadros do Hospital contam com elevada percentagem de pessoas de fora: por exemplo 50% dos médicos são de fora de Espinho.

O Hospital de Espinho, no futuro, só servindo um núcleo populacional que o justifique, é que se poderá tornar um Hospital de 1.ª.

A integração de Espinho na área metropolitana do Porto e a integração do Hospital no Centro Hospitalar de Gaia vai dar-lhe outra dimensão e perspectivas para o futuro.

DEPENDÊNCIA E ATRACÇÃO

Falam os Presidentes das Juntas

SILVALDE

«Silvalde é, no capítulo fabril, o coração de Espinho»

«Silvalde, devido às várias unidades industriais que possui e devido principalmente ao plano de urbanização que reserva aqui largos terrenos para a Zona Industrial, é no capítulo fabril o coração de Espinho. Mesmo atendendo a que grande parte de Silvalde pertence já a Espinho após a elevação a Cidade, a localização da Zona Industrial a Sul da terra, descon-

gestiona muito o seu centro. Claro que isto para avançar necessita de uma maior quantidade e qualidade de rede de transportes e acessos.

Sobre a Saúde, Silvalde depende inteiramente de Espinho, o que é compreensível devido à curta distância que nos separa. No entanto, embora sem grande urgência, seria útil a abertura de um centro de assistência no Souto que serviria essa população, mais distante de Espinho, e ainda a de Paramos e outras zonas vizinhas, descongestionando assim os serviços da Cidade.

Comercialmente estamos in-

teiramente dependentes de Espinho. Estamos-nos a bater pela construção de um complexo habitacional que iria arrastar consigo a criação de estruturas necessárias para o receber (lojas, supermercados, etc.).

Sobre os serviços administrativos já se sabe que há efectivamente uma grande dependência da Junta em relação à Câmara e à Assembleia. Claro que isso se compreende e dentro desses limites têm-se feito bastantes coisas, quanto a mim. E se mais não se faz é porque essencialmente não há verbas disponíveis».

Adão Loureiro

GUETIM

«No aspecto burocrático a dependência é enorme e exagerada»

«Guetim, sob o ponto de vista de assistência médica, depende totalmente de Espinho. Industrialmente possui quatro ou cinco fábricas que, com excepção da Eurospuma, não nasceram devido a qualquer planificação mas sim devido a iniciativas e esforços pessoais a partir de pequenas indústrias artesanais.

Estas unidades industriais apoiam-se, claro, em Espinho e também no Porto, mas mais na nossa Cidade, para comercialização e escoamento dos produtos assim como abastecimento.

90% da população de Guetim vive de Espinho: trabalha, abastece-se e é assistida em Espinho.

No aspecto burocrático a dependência é enorme e exagerada. Apesar de algumas tentativas feitas, concretizadas por exemplo na lei 79/77 que entrou em vigor em 25 de Novembro, no fundo estamos totalmente dependentes da Câmara. Nada se pode fazer sem passar por Espinho: mesmo da verba concedida à freguesia (as receitas que temos são insignificantes) a Câmara tem o direito de pedir satisfações quanto ao seu emprego. Outra coisa aberrante é a proibição da sua aplicação no pagamento de mão-de-obra defendida pelo código administrativo em vigor».

Joaquim Sá

PARAMOS

«Paramos está dependente de Espinho

sob todos os aspectos»

«Apesar de haver um certo movimento comercial autónomo na freguesia, para a sua vida do dia-a-dia o paramense vai a Espinho: não só para o comércio mais sofisticado como também, inclusivamente para as suas compras diárias nos supermercados, etc. Outro aspecto muito importante é a feira que semanalmente arrasta muitos paramenses até Espinho em virtude de todas as vantagens que oferece: variedade, qualidade e preços em conta.

As indústrias sediadas em Espinho empregam uma percentagem importante da população de Paramos, embora a maior

parte se desloque para o Porto e V. N. de Gaia; uma pequena percentagem vai para Esmoriz, V. de Feira etc. para as indústrias artesanais.

Sob o ponto de vista administrativo, a Junta bem como todas as outras está muito dependente da Câmara Municipal que detém a maior parte dos poderes.

As Juntas continuam completamente dependentes do poder camarário; ainda quando nos foi atribuído o subsídio pela Câmara fomos avisados para o modo como gastáramos o dinheiro, pois se a Câmara o achasse mal empregue passa-

ria ela a gerir as contas da Junta.

O aspecto cultural é dos mais deficientes da vida dos paramenses. Não existem nas freguesias quaisquer organizações que promovam a vida cultural que se limita a uma ida ao cinema da Banda (quando há) e ao cinema a Espinho; pouco motivada a população ignora muitas das iniciativas que se desenrolam em Espinho que mais uma vez centraliza tudo.

Em Paramos faltam organizadores da cultura que possam levar à população da freguesia a informação».

João Baptista

NOTA

Não inserimos aqui qualquer depoimento do presidente da junta de freguesia de Anta, pois foi-nos absolutamente impossível contactá-lo. Nas várias deslocamentos que fizemos à Junta nunca o encontramos, a última das quais no sábado passado quando este jornal estava já em preparação na tipografia. É pois com pesar que não apresentamos quaisquer declarações do presidente da Junta de Anta, mas, do facto, não nos cabe a mínima responsabilidade.



Por mais incrível que pareça, esta placa encontra-se dentro da cidade, mais propriamente na freguesia «urbana» de Silvalde.

Dir-se-ia até que a própria Junta Autónoma de Estradas colabora no desprezo pelas zonas novas da cidade.



... E A ATRACÇÃO

Duas horas da tarde de domingo, e-las que vêm de toda a região para Espinho: camionetas da Vila da Feira, Carvalhos, Lourosa, Esmoriz... E nada vazias: a partir desta hora a rua 19, para baixo do terreiro da feira, é assolada por sucessivas e ininterruptas vagas de forasteiros, jovens tentando insinuar-se, casais passeando os seus rebentos, velhos aproveitando o bom tempo. Que faz correr tanta gente?

«Nós vimos de S. Félix. Costumamos passar aqui os nossos fins-de-semana. Espinho tem um movimento de Cidade, há o baile dos Bombeiros, às vezes o cinema...

... E tivemos que esperar: o trio constituído por, José Luís Pinho, Manuel António Pereira e Manuel João Gonçalves não resistiu ao «quarteto» feminino que passava, insinuante, junto a nós e... aqui vai disto:

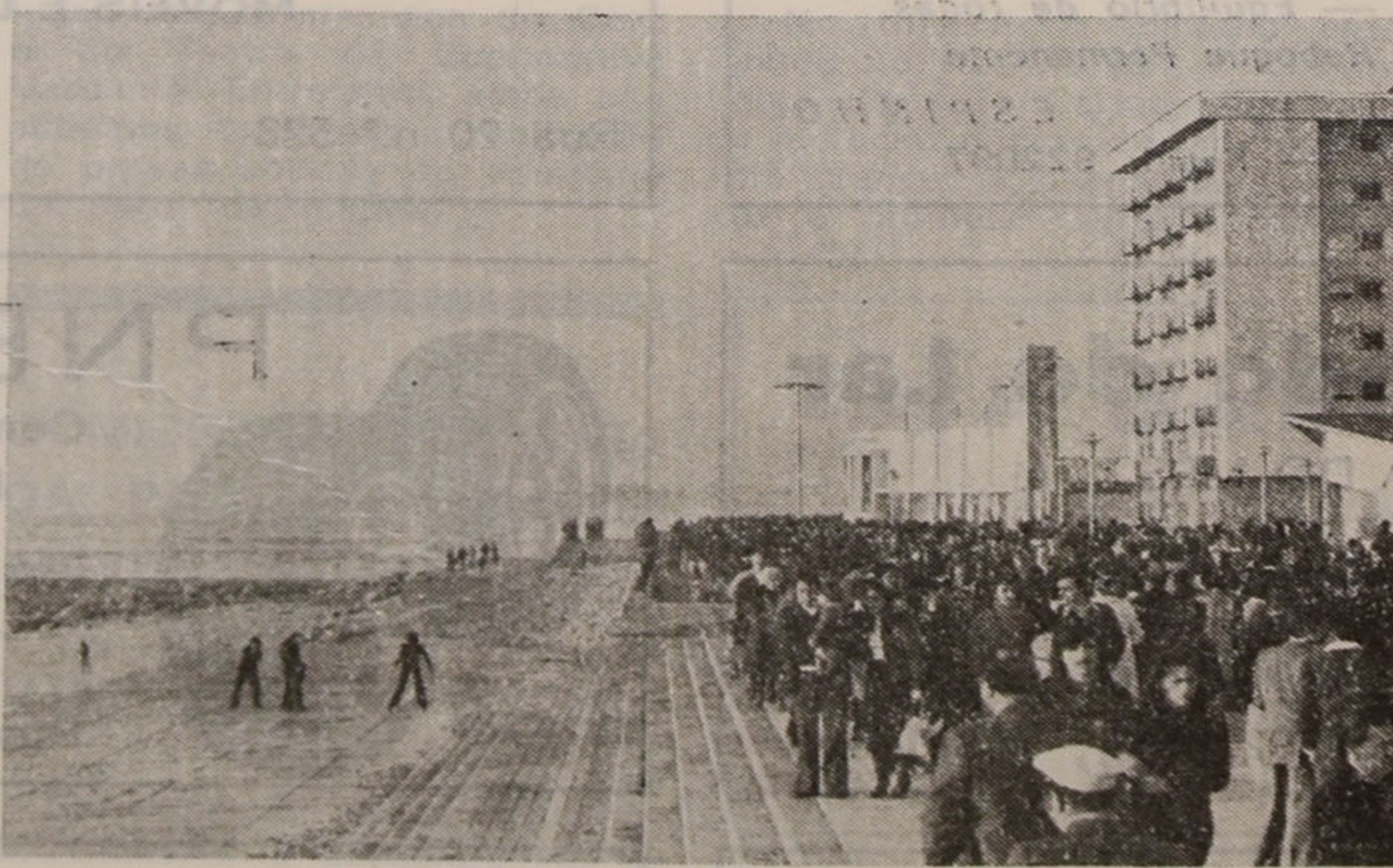
«Ó menina, olhe que esse boné vermelho já não se usa... O Porto é que é campeão!»

«Espera aí que eu vou já!»

«... Então lá nos encontraremos!»

Ah! Ainda nós disseram, além dos seus nomes, que em Espinho costumavam passear muito e «topar umas miúdas...»

O Quintino Castro Prata já é veterano em vir a Espi-



inho nos fins-de-semana e, talvez por isso, resolveu «iniciar» o seu companheiro Manuel Fernandes Prata. Ambos tinham acabado de chegar de Argoncilhe e para eles o que os cá traz é o cinema, o café, a praia (no verão) e o movimento de Cidade que não têm na sua terra.

«Vindo o tempo da praia estamos cá sempre nos fins-de-semana. Sabe, é um ambiente agradável, muitas pessoas, o mar... E como cidade Espinho é muito calma. Muito melhor que o Porto, por exemplo. Algumas vezes vamos ao cinema mas normalmente vimos cá para passear.»

E foi o depoimento da D. Margarida Pereira da Costa, de Lourosa, com «ajudas» das suas duas filhas que a acompanhavam.

Também de Lourosa são provenientes o Adão Alves,

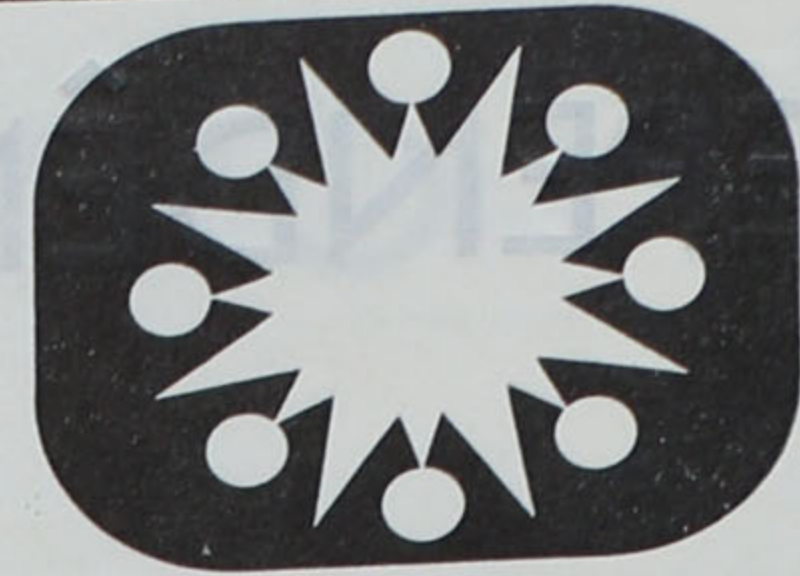
o Américo Santos e o Manuel Castanheira.

«Vimos cá muitas vezes. Só o movimento disto é bestial e além disso costumamos ir à praia, ao baile dos Espinhenses e ao cinema. Depois também passeamos por aí...»

E acabamos como começámos: com gente de S. Félix da Marinha — o Gilberto Fonseca Moreira.

«Espinho oferece, não há dúvidas, para toda essa região vizinha de aldeias, um conjunto de atractivos para se passar o fim-de-semana. Para mim, pessoalmente o que me traz a Espinho é ver amigos, conversar com eles no café. Aqui encontro amigos de toda a região que nunca veria em S. Félix. É como que um ponto de encontro da região. Fora disso creio não existir em Espinho qualquer atractivo cultural de que possa lucrar.

NO DIA DA CIDADE A PRESENÇA DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA DE ESPINHO



DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.
DOENÇAS DOS OLHOS
ORTÓPTICA
RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.
TELEFONE 922470 — ESPINHO

GARAGEM MARTINS

JOSÉ NUNES MARTINS
Estação de serviço «SONAP» — Gasolinas e Óleos
Lavagens e Lubrificações — Pneus MABOR
Avenida 24 n.º 1127 Telef. 920237 ESPINHO

TURISPRATA - Empresa de Transportes, Lda.

Aluguer de Luxuosos Autocarros com ar climatizado
para excursões e turismo
Carreiras de Serviço Público
Orçamento e Estudo de Itinerários
Rua 19 n.º 343-1.º — Apartado 62 — Tel. 922907 — ESPINHO
Viajando em autocarro vê mais e melhor!

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —
ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
PORTO
R. 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922964
ESPINHO

POMAR QUEIJARIA

MARINHEIRO & LOPES, LDA.
MERCADO MUNICIPAL
Ruas 23 e 18 Telef. 921376 ESPINHO

CENTRAL DOS MÓVEIS MANUEL DE OLIVEIRA E SOUSA

Móveis em todos os estilos — Colchões Molaflex
Estab.: Rua 23 n.º 445 — Exposição: Rua 23 n.º 450
Telefs.: Resid. 921467 — Estab. 920561 — ESPINHO

LIMA BASTOS

ADVOGADO
Escritório
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA
Residência;
Av. 24 n.º 245 - 1.º — Tel. 922904
ESPINHO

PEIXARIA CENTRAL

Rua 23 Telef. 920146 ESPINHO

Amorim Barata Garcia

Técnico de TV — RÁDIO — SOM
Reparações em Rádios e Televisores, etc.
Rua 21 n.º 764 (junto à Feira) — Telef. 923284
ESPINHO

Almeida Santos

ADVOGADO
Escritórios:
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314
ESPINHO (Junto ao Café Parque)
Horário — às 2.ª — Todo o dia,
4.ª e 6.ª — de manhã
VILA DA FEIRA Telef. 96251
(Junto às Escadas do Convento)

Salsicharia do Mercado

FARIA & SOARES, LDA.
Fiambre — Presunto — Chouriço — Salsichas — Mortadela
Paio — Salpicão — Salame — Linguiça — Torresmos
Banhas Puras e Lanches
Carnes fumadas das melhores regiões
Rua 18 — Mercado Municipal (Praça) — ESPINHO

CASA RAICA

Modas e Confeções
RUA 62 N.º 101 ESPINHO

A Nova de Espinho

TINTURARIA E LAVANDARIA
Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.
R. 22 n.º 495 — Tel. 921074
ESPINHO

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.
Reparações Mecânicas e Eléctricas de todas as viaturas
Serviços especializados de Chapeiro e Pintura
Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
Lavagem automática — Reboque Permanente
Ângulo da Av. 24 e Rua 29 ESPINHO
Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

BAPTISTA

MÓVEIS E DECORAÇÕES
Rua 20 n.º 528 ESPINHO

ALFAIATARIA MANO José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo
o serviço para homem,
senhora e criança
Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

Supermercado do Lar

CAMPANHA DO MÊS
Papéis de parede desde 100\$00 o rolo — Alcatifas de 1.ª
desde 100\$00 o m2 — Mobílias de sala desde 17.500\$00
Cozinhas por elementos — Candeeiros — Maples — Arcas
Tapeçarias — Tudo para o seu Lar
Rua 62 n.º 227-231 Telef. 922986 ESPINHO

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e Estrangeiros
Assistência Técnica
— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas
Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO
TEL. 923266



Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição
Alzira Pereira de Azevedo
Garagens: SOUSA e S. PEDRO

Reparações em instalações eléctricas
e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.
Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão
Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

CELEIRO

BARBOSA & RIBEIRO, LDA.
SUPERMERCADO — ARMAZENISTAS
Supermercado: Rua 23 n.º 229 — Armazém: Rua 20 n.º 343
Torrefacção: Rua 26 n.º 324 — Telef. 920646 - P. B. X.
Escritório: Rua 23 n.º 231 — Telef. 922577
ESPINHO

ESPINHO: INSTALAR O DESPORTO

As tradições dos clubes desportivos, o número de desportistas que movimentam, o lugar que o nome da terra ocupa constantemente nas páginas desportivas, permitem que se diga que Espinho está virado para o desporto.

Há razões para um certo optimismo, mas isso não significa que se tenha chegado ao fim do caminho a percorrer. As instalações desportivas já são escassas, o desporto escolar volta quase ao zero, o usufruto do direito ao desporto por todos os espinhenses está longe de ser uma realidade.

E se há progressos, se cada vez mais surgem as iniciativas populares em que o desporto se reivindica e assume como direito, resta ainda muito trabalho por fazer. Um trabalho de sensibilização, de educação, de divulgação dos benefícios do desporto, que ultrapasse os limites da simples planificação desportiva e ponha em causa as actuais estruturas sociais.

O que não significa que se procure a abolição do desporto de competição. Mas para que, pelo menos, a descida de divisão de uma equipa de futebol deixe de representar um retrocesso no desporto local.

OS CLUBES E OS ATLETAS

São os que se seguem os clubes que sabemos existirem no concelho, uns legalizados, outros existindo apenas de facto, e que enquadram um número de desportistas praticantes, que procuramos dar o mais aproximado possível.

ESPINHO

Sporting Clube de Espinho — 750: Andebol (100), Atletismo (130), Badminton (60), Futebol (130), Ginástica (200) e Voleibol (120).

Associação Académica de Espinho — 550: Ginástica (200), Hóquei em Campo (30), Hóquei em Patins e Patinagem (150), Karate (50), Voleibol (80) e Xadrez (40).

Clube Académico de Espinho — 110: Atletismo (30), Ciclismo (18), Futebol (33) e Pesca (30).

«Os Belenenses», Cantinho da Rambóia F. C., Juventude F. C., Leões Bairristas F. C., Marítimos F. C., Pirolão F. C., Rio Largo F. C. e Tapeçarias Fontes. Todos estes clubes praticam apenas futebol (de 11 ou de salão), movimentando cada um entre duas e três dezenas de atletas.

ANTA

Aguias da Quinta (30), Ass. Desp. de Esmoães (60), Grupo Desp. da Idanha (20), Império de Anta (20), Magos F. C. (40), S. C. de Esmoães e Núcleo Juvenil (50) e Vicentinos da Idanha (20). O futebol (de 11 ou de salão) é a única modalidade.

GUETIM

«Os Azuis Ingleses», Guetim F. C. e Ronda F. C. Só futebol (de 11 ou de salão) e cerca de vinte atletas para cada um.

PARAMOS

Agueiro F. C. (15), Aguias F. C. Paramense (31), F. C. da Corredoura (16), Grupo Desp. da Quinta (32), Grupo Desportivo do Monte (26), SCARL da Coop. Oper. Paramense (15) e Tigres F. C. (20). Praticam futebol de 11 e de salão.

SILVALDE

Cruzeiro de Silvalde, Esperanças F. C., Leões de Silvalde e Silvaldinho F. C. Com cerca de 20 atletas cada um, praticam também futebol de 11 e de salão.

Um total de 32 clubes para cerca de 2250 atletas.

TODOS OS DOMINGOS DE MANHÃ...

Quem se der ao trabalho de se levantar mais cedo aos domingos, poderá ver, aí pelas 8,30, um acontecimento que ainda foge aos hábitos da cidade adormecida. Ali junto à praia, em frente à rua 5, começam a aparecer homens, velhos e novos, vestidos duma maneira que se consideraria pouco própria para o cidadão passeio domingueiro na avenida 8, acompanhado por uma bica e um Martini para abrir o apetite para o almoço.

Há os que têm o seu fato de treino, outros com equipamentos menos convencionais, muitos em calções, vão aparecendo aos poucos, já em passo de corrida e todos com vontade de aproveitarem aquela manhã com prazer e utilidade.

No passado domingo, às 9 horas, eram já uns trinta e preparavam-se para partirem. Uns momentos antes, Carlos Sárria, Manuel Faustino e A. Graça contaram-nos como tudo começou:

«Há uns três anos, o sr. Laurénio Silva sugeriu a alguns de nós que seguíssemos o exemplo dos Kágados de S. João da Madeira, que reúnem mais de cem pessoas nesta prática desportiva de manutenção.»

A ideia começou a ser espalhada e não demorou muito que os Kágados de Espinho se comesçassem a juntar no largo da Câmara para, nos tempos livres, fazerem desporto. Começou a aparecer mais gente, houve depois uma fase de desmobilização, mas a iniciativa ganhou força e aqui estamos, agora junto à praia, quer faça sol, chuva, frio ou calor. Ainda não somos tantos como desejaríamos, mas de qualquer modo o número de pessoas é animador.»

Os Kágados têm um programa que orienta as suas manhãs desportivas:

«Sim, temos uma certa orientação, baseada nos conhecimentos de educação e manutenção física de alguns de nós, e num programa muito elementar que a D. G. D. fez distribuir à escala nacional. A coisa varia em função das aptidões e do treino de cada um. Os que começam fazem «crosses» mais pequenos, os mais habituados não têm dificuldade em «comer» umas dezenas de quilómetros, daqui ao Aeroclube, à Granja ou a outro local combinado.»

Os resultados entusiasmarão. Chegou já aqui gente que a princípio não conseguia fazer 500 metros e agora fazem 10 km sem grande custo. Os resultados na saúde física e psíquica também são surpreendentes e, para além de tudo, há o prazer que isto nos dá.

Mas, pelos vistos, a coisa poderia ainda funcionar melhor: *«As condições seriam melhores se houvesse apoio do pelouro desportivo da Câmara e da D. G. D.. Precisávamos de assistência médica. Para além disso, e enquanto não houver o complexo desportivo, seria importante a instalação de um circuito de manutenção, a exemplo do que sucede em Lisboa, no Estado Nacional, em Coimbra no Choupal, e em Aveiro, a instalação dum circuito desportivo. Há já um estudo para*

tes no nosso parque, embora o seu tamanho e o piso não sejam os mais recomendáveis.»

Os Kágados (alguns) entram em provas de vez em quando e até já têm uma taça. Mas não é a competição que os estimula, antes o prazer do desporto e os benefícios que dele reco-

tando na quebra da indiferença e até hostilidade com que muita gente continua a apontar estes «maduros», como lhes chamam.

Já em corrida, rumo ao Aeroclube e cortando o nevoeiro, ainda nos disseram: *«Nós estamos abertos a quem quiser*



O PRAZER E A SAÚDE DE UMA CORRIDA

lhem. E o desporto encarado nesta saudável perspectiva não é felizmente já um privilégio dos Kágados, pois chegam-nos notícias de que, noutras locais em Espinho, iniciativas idênticas começam a despontar, apos-

vir juntar-se a nós, mas o que é também preciso é que comecem a aparecer por outros lados coisas como esta. Chamem-se Kágados, Kágadozinhos, Tartugas ou outra coisa qualquer.»

COMEMORAÇÕES

Começam às 9 horas de 6.ª feira as comemorações do dia da cidade, com uma salva de morteiros. As 11 horas haverá hastear da bandeira com a presença das fanfarras dos Bombeiros locais e às 17 fogo preso no parque. Depois, ainda no Parque, a cultura tem o seu lugar com a presença do Coro e do Teatro da Cooperativa Uascente. Entretanto, ainda não pudemos confirmar a realização de provas abertas de atletismo da parte da manhã.

COMISSÃO PROMOTORA DA PASSAGEM DO 1.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ALCIDES STRECHT MONTEIRO

Convidam-se todos os DEMOCRATAS a associarem-se à homenagem em memória do saudoso ALCIDES STRECHT MONTEIRO, combatente antifascista, obreiro da Constituição e deputado à Assembleia da República, na passagem do 1.º Aniversário da sua morte, a realizar em 18-6-78, com o seguinte programa:

10 horas — Descerramento de placa na casa onde nasceu,

ANDEBOL SOBE, FUTEBOL DESCE

Beneficiando da derrota do Padroense em Coimbra, o SCE garantiu a subida e a presença na final do nacional da 2.ª a disputar com o vencedor da zona Sul. No jogo de sábado, esmagaram o Bairro Latino por 28-9, depois de estar a vencer por 14-0. Para terminar esta sucessão de três épocas sempre a subir, só falta o título nacional...

No futebol, o Espinho empatou no Restelo por 1-1; com golo do João Carlos, que bem o mereceu depois de uma época em branco. A despedida foi feliz e promete regresso rápido.

Mário Morais vai embora, mas ficam quase todos os jogadores mais influentes.

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 — ESPINHO

Telef. 921480

CAÇA BARRINHA PESCA

ANTÓNIO TEIXEIRA DE ASSUMPÇÃO

Completo sortido em artigos de Pesca e Caça

PESCA — ISCOS PARA MAR

CAÇA — OFICINA DE CARREGAMENTO E RECARREMENTO DE CARTUCHOS

Av. 24 n.º 1041 Telef. 923487 ESPINHO

no lugar do Souto, Fiães, sua terra natal;

11 horas — Romagem ao cemitério de Fiães, com descerramento de placa e evocação da sua memória, por antigos camaradas de luta.

Organização dos Socialistas do Distrito de Aveiro.

EDILBERTO CARDOSO

ADVOGADO

Escritório: Rua 18 n.º 582-1.º — sala 3 (Âng. Rua 19) — ESPINHO

Residência: Cortegaça — Telef. 73290

O COMENDADOR

O sr. Manuel Violas fez parte da Câmara que tão bem serviu a ditadura caetanista. Servido pela ditadura e servindo a ditadura, o sr. Violas foi condecorado por Américo Tomás quando este veio a Espinho.

Quatro anos e dois meses depois do 25 de Abril ambos se reabilitam: ao ex-almirante é-lhe autorizada a entrada em Portugal, ao industrial é-lhe concedida nova condecoração, conjuntamente com a grande figura nacional de Jorge de Sena.

O poeta já não soube do insulto. Os trabalhadores, despedidos ou ainda às ordens do sr. Violas, tiveram de o suportar. Mas sabem que este Portugal que assim condecora não é o de Abril. É o Portugal de Novembro.

«ERA TRABALHADORA - ESTUDANTE»

«Desloco-me todos os dias para Aveiro. Saio de casa às sete e meia da manhã e regresso às sete e meia da tarde. Até há tempos era trabalhadora-estudante, frequentava a Escola Técnica à noite, mas tive que desistir pois não tinha meios de transporte para regressar a casa depois das aulas.

Os transportes para Aveiro ficam muito dispendiosos e ter que comer em restaurante também abala o orçamento familiar. Sou solteira e penso casar, mas não consigo encontrar habitação para viver na cidade onde trabalho.

(Maria de Lurdes Matos — empregada na Previdência)

«SÓ COM SACRIFÍCIO»

«Vou todos os dias de comboio para Ovar, por volta das nove, e regresso às 7 e meia. O primeiro problema é que os transportes estão caros e além disso tenho que comer em restaurante.

Não tenho tempo para estar com os filhos à minha vontade, porque depois de chegar a casa ainda é preciso arrumar tudo, fazer as camas, limpar, etc. Só com muito sacrifício é que consigo tirar duas ou três horas por semana para participar na vida política e sindical.

(Lígia Loureiro Silva — empregada no Posto Médico)

«OS EFEITOS ALIENANTES»

«Quando uma pobre criatura passa 12 horas seguidas de cada dia útil fora do local onde habita, não são poucos os problemas que daí lhe advêm.

É a família que mal tem tempo de o ver e de com ele trocar umas palavras. É a falta de apoio à preparação cívica e cultural dos filhos, com todos os reflexos prejudiciais que isso origina. É o abandono do convívio com os amigos, a diminuição das actividades de ordem cultural, a incapacidade de se virar para dentro de si pró-

prio, tudo isto porque os efeitos alienantes de um dia de trabalho sem qualquer finalidade verdadeiramente útil destroem cada dia um pouco da nossa personalidade». (José Vingada — profissional de Propaganda Médica)

«NAO HA TEMPO»

«Eu creio que há que dividir a coisa por idades. Enquanto eu era novo não estava qualquer diferença por trabalhar no Porto, tinha força para outras actividades. Quando chegava à noite, ainda tinha tempo. Mas a partir de uma certa idade, a falta de força leva-nos a «encostar», a ficar por casa e Espinho torna-se, de facto, um dormitório. A menos que se queira manter o contacto de café, mas isso não é muito significativo. Eu sinto que estou mesmo de fora.

Saio às 8 e chego por volta das 7. Em princípio pode-se dizer que ainda há tempo, mas falta a disposição. Um dia inteiro de trabalho, a saturação do Porto, cidade muito poluída, comboios incómodos, viajando muitas vezes de pé, tudo isto é muito maçador para quem vai avançando na idade. Assim não admira que seja chegar a casa, jantar, encostar à televisão... e ir apodrecendo lentamente.

E depois ainda há a falta de contactos com a família, que se nota principalmente em relação aos filhos e aos seus estudos. Claro que há o fim de semana e também é o que vale, senão...

Mas convém dizer que, na minha opinião pelo menos, o problema vem em parte porque as pessoas sobretudo a pequena e média burguesia, se habituaram a uma vida de consumo, a desejar ter acesso a certos bens que custam caro e para os ter é preciso trabalhar muito, o que tira o tempo para outras coisas. E assim acaba por se fugir à actividade comunitária. Podia-se dar o contributo aos Bombeiros, ao clube, à cultura, a isto e àquilo, mas não há tempo.

(José Salvador — gerente comercial)

ESPINHO: CIDADE DORMITÓRIO?

Todos conhecemos a situação em que vivem e trabalham milhões de trabalhadores em todo o mundo, que entre outras «regalias» oferecidas pelo sistema que os explora têm o «direito» a habitar em autênticas cidades fantasmas, dormitórios gigantescos onde durante o dia apenas as crianças vagueiam por entre os enormes edifícios que só ao anoitecer se animam com o regresso a casa daqueles que acabam de vender mais uma hora da sua existência. São autênticas ilhas humanas, habitadas por milhares, quantas vezes sem mais requisitos do que o simples lar onde as pessoas se recolhem à noite. As mais das vezes desprovidas de vida própria, são zonas onde a vida colectiva é ignorada, onde a organização social se fica pela satisfação das necessidades elementares para a reprodução da força de trabalho que interessa ao capital manter, como garantia da continuação da exploração. Ali, não há lugar para as actividades humanas de realização mais profunda, eliminam-se as actividades culturais por serem «secundárias», esquecem-se os parques desportivos porque todo o terreno é pouco para as «torres de habitação». A alegria das relações humanas baseadas na amizade e na descoberta de actividades comuns de ocupação de tempos livres é substituída por milhares de pequenas ante-

nas de televisão onde todo o «trinta e um de boca», é sinal da tentativa constante para destruir a capacidade de intervenção e a criatividade de cada um e reforçar no indivíduo hábitos de vida isolada, desligada das realidades sociais, levando-o a criar uma existência pessoal entre quatro pare-

algumas condições que poderão facilitar a tendência para essa situação: a dependência do Porto, a expansão da cidade para novos polos habitacionais, o constante desejo manifestado por certos sectores em que se autorize a construção de torres de habitação, a ânsia intensa de construir, de qualquer ma-



des onde se esgota a vida capaz de transformar o mundo.

Em Portugal há, também alguns casos típicos da paisagem que acima descrevemos. Basta citar os arredores de Lisboa, a Amadora, a Brandoa e outros nomes. E em Espinho, estaremos a caminhar para isso? Há

neira e em qualquer local, o aumento crescente da população, a falta de equipamentos de utilização colectiva (desportivos, sociais, culturais, zonas verdes). Mas, para já, o problema é sobretudo sentido por quem trabalha fora, no Porto principalmente.

DEPÕEM OS TÉCNICOS

Da entrevista com o Arq. Marques Aguiar (M.A.) e Eng. Pinto Correia (P.C.), retiramos um excerto relativo à questão da cidade dormitório:

«M.V.» — Tendo em consideração o alto índice de expansão que se tem registado em Espinho nos últimos anos, e mais recentemente com a criação da nova zona habitacional da Ponte d'Anta e das próximas realizações na Marinha de Silvalde e Paramos, bem como a abertura de uma via rápida de acesso ao Porto, a variante à E. N. 109, não estará Espinho a transformar-se numa cidade dormitório?

«M.A.» — Não é dese-

jável que Espinho se transforme numa cidade dormitório, pelo contrário deve manter as suas características de cidade com actividade própria. Para tal, terá que se antecipar a incrementar a criação de postos de trabalho.

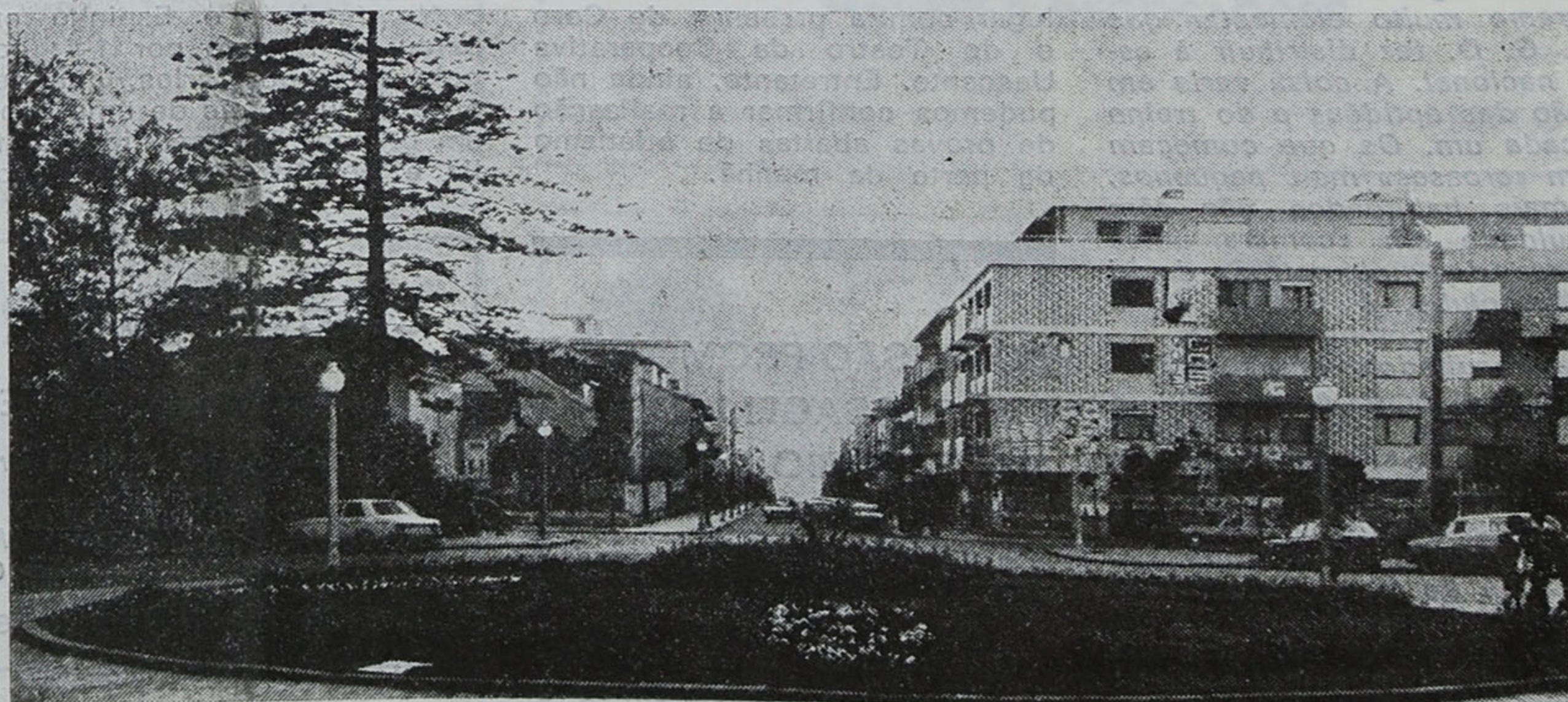
«P.C.» — Quero também salientar que um dos aspectos para contrariar o aparecimento da cidade dormitório é contrariar a tendência especulativa dos terrenos e da construção. Não deixar fazer as tais células, as torres, os prédios altos. E as pressões começam a aparecer quando começa a haver procura, a iniciativa privada começa a querer tirar o

maior proveito.

«M.A.» — Nesse tipo só há habitação, não há equipamento correspondente. Para exemplificar o que se deve fazer temos o caso da Ponte d'Anta, em que está prevista a sua integração na cidade sem descurar o equipamento social, comercial escolar e infantil que crie interesses locais, não obrigando as pessoas a procurar noutra sítio a satisfação das suas necessidades essenciais. Este equipamento deve ser proporcional ao número de habitantes, bem como se deve evitar a sua dispersão, para que as pessoas se juntem e criem interesses para animar as zonas, para que elas tenham vida própria.

De alto a baixo, uma forma original, estranha, singularmente bela, de se observar, de se conhecer esta cidade. Uma forma a que não se está habituado. A cidade são as casas do costume, sorridentes, melancólicas, carrancudas, são as montras, são as fachadas dos edificios, é a avenida, a esplanada, o café do costume, o laço negro do empregado, o balcão da taberna, o guarda-pó do merceiro, a praça, a feira, os carros. Normalmente não se vê, não se pensa, desta maneira, descida vertiginosa, declive irremediável, até às ondas rebeldes, até aos esporões passando pelo enfileirar de árvores, de postes de iluminação, de casas, de anúncios luminosos, de estabelecimentos, de gente que passa, anónima, alheia aos malabarismos dum fotógrafo.

Mas uma cidade não se reduz, não se fica pela singularidade duma fotografia, duma rua. É algo mais que a beleza das casas, que o movimento cosmopolita da rua principal. Faz parte da cidade, não é a cidade, embeleza a cidade, não a caracteriza. Porque a cidade ultrapassa uma rua, uma fotografia, é conjunto de ruas alegres e tristes, soalheiras e sombrias, de casas e casebres e principalmente de pessoas com os seus problemas, as suas carências.



AO FUNDO,
O MAR



PORTE
PAGO